

Fles me contaram...



JUAREZ WANDERLEY



Juarez Wanderley não é escritor por acaso, e sim porque gosta do que faz. O labor diário junto a lides forenses, na qualidade de talentoso advogado, por longo período de sua vida, ensinou-lhe a trabalhar as palavras, dando-lhes sentimento e beleza, força e leveza, a um só tempo. Seus textos são acessíveis, apresentados em linguagem culta, num estilo natural, em que os diálogos ou comentários fluem de maneira simples e espontânea.

Artífice do verbo, busca obstinadamente a perfeição do texto em construção. Cuidadoso e meticuloso, lê e relê incansavelmente o que escreve, procurando superar-se

Fles me contaram...

Juliana

Fles me contavam...

Juarez Wanderley

Salvador-Bahia
2010

Todos os direitos reservados © 2010 Juarez José de Souza Wanderley.

Editor:

Helvécio Meira

Coordenação editorial:

Juarez Dourado Wanderley

Editoração eletrônica:

Linivaldo Cardoso Greenhalgh

Impressão e acabamento:

Bureau Gráfica e Editora

Capa:

Zuleica Mendonça

Wanderley, Juarez.

Eles me contaram... / Juarez Wanderley. Salvador : Bureau Gráfica e Editora, 2010.

208 p. ; 15 x 21 cm.

ISBN 978-8585923-36-5

1. Literatura brasileira - entrevistas e artigos. I. Título.

CDD 869B

AGRADECIMENTOS



A *ERIDAN PASSOS*, amiga de meio século, que me ajudou na realização deste trabalho, lembrando que um dia ela escreveu: “Tempo virá para bem dizer da sina. Que será azul. Definitivamente azul por decisão dos homens. Eu, também, AZUL.”



Ao homem inteligente e bondoso amigo, *HELVÉCIO MEIRA*, que não sei porque gosta tanto de mim.



Ao Médico e amigo, *DOMINGOS MACÊDO COUTINHO*, por tentar me fazer acreditar que ainda tenho um bom pedaço de estrada a percorrer. Se pudesse, evitaria meus transtornos psíquicos.



Ao Médico, amigo e compadre, *JORGE CERQUEIRA*, que me acompanha por uma vida. Muitas vezes transformou seu gabinete de casa em consultório, para me examinar, medicar, curar e/ou tranquilizar.



Ao Médico e amigo, *LUIZ ALBERTO PRAZERES*, que cuida dos meus olhos e me assiste há anos com especial carinho. Mede minha pressão ocular sempre com o antigo aparelho manual, que reduz a minha ansiedade, embora lhe atrase o atendimento de outros clientes.

Que *DEUS* nos abençoe!

DEDICATÓRIA

– A *JOÃO PEDRO*, que tem um pedaço de mim.

– A *TAIS*, princesinha que me coube coroar.

Serão felizes e misericordiosos.

DEUS já me avisou.

SUMÁRIO

Prefácio	13
Apresentação	15
As entrevistas na íntegra	19
Entrevista com o Jurista André Barachísio Lisboa	21
As lições do ilustre Causídico	25
Entrevista com o Médico Psiquiatra Dr. Domingos Macêdo Coutinho	37
As lições do ilustre Psiquiatra	41
Entrevista com a Professora Leda Jesuino dos Santos	49
Os ensinamentos da Mestra	55
Entrevista com o Médico-cirurgião Luiz Antônio Medeiros de Oliveira	73
Os ensinamentos do Doutor	77
Entrevista com o Engenheiro e Político Sérgio Gaudenzi	89
As respostas inteligentes e comedidas do Dr. Gaudenzi ...	93
Juarez conversa com Juarez	101
Dados sobre Juarez	103
 Algumas opiniões sobre as entrevistas:	
do Dr. André Barachísio Lisboa	107
do Dr. Domingos Macêdo Coutinho	117

da Educadora Leda Jesuino dos Santos	121
do Dr. Luiz Antônio Medeiros de Oliveira	129
do Dr. Sérgio Gaudenzi	133

ANEXOS:

Justificativa	139
As Dores e os Amores do Coração	143
Um momento de emoção	147
III Curso de Tanatologia	153
O Autor comenta	157
Operários de um cemitério me contaram	161
Os empresários da morte	169
Uma visita ao Instituto Médico Legal	175
Uma espera que valeu a pena	181
As sábias lições do Médico-legista Dr. Lamartine Luna	183
Meu encontro com o primo da Barra	187
Carta-resposta	189
A Última Página	191
A Comemoração em Lisboa	197
Qual o meu Destino?	198
Os Personagens da dedicatória	199
Referências	205

PREFÁCIO



Certo dia, estava na Receita Federal do Brasil, trabalhando angustiado com os apertados prazos para encerramento de ações fiscais que me foram alocadas, quando, inesperada e honrosamente, recebi uma ligação de *JUAREZ WANDERLEY*, meu sogro, solicitando-me prefaciar o livro que ele estava concluindo.

Sem titubear, respondi incontinênti que aceitaria a missão. A minha imediata resposta não se deveu à prévia identificação do conteúdo da obra, ou por me achar capacitado a realizar tal tarefa; não, não! É que independentemente do que ali (agora, aqui) estaria escrito, quem me fazia o pedido era *JUAREZ*.

JUAREZ não nega favores, é sempre solícito e tenta resolver problemas alheios com a obstinação que só aqueles, que bem o conhecem, sabem.

De pronto, a angústia que sentia trocou de motivo, sendo canalizada para a importância da tarefa que aceitei desempenhar.

E aqui estou eu, com a responsabilidade de contar previamente um pouco desta obra e da trajetória do Autor.

JUAREZ já nos brindou anteriormente com alguns escritos. Quando ainda exercia a fatigante atividade de Advogado,

exarou a sua experiência na obra “A Saúde Trabalhista das Empresas Médicas”, relevante trabalho técnico amplamente utilizado no meio jurídico. Em seguida, escreveu “Juizes e Advogados – A difícil relação na Justiça do Trabalho”, livro em que relata vivências suas na rotina da Justiça Laboral, recheadas com criatividade e imaginação. Escreveu, ainda, “Fatos da Vida”, que se constitui em uma biografia romanceada.

O estilo literário que marca estas três obras se repete neste livro. *ELES ME CONTARAM...* possui a impressão digital do autor: a leveza, que faz, aqui, o leitor entrar na obra e se sentir como se estivesse, também, sendo por ele questionado.

Neste trabalho, é bom que se diga, de método nada cartesiano, realiza entrevistas com diferentes personalidades, de formações plurais. As perguntas exploram a história de cada um, e o Autor consegue, com a simplicidade e perspicácia de seus questionamentos, extrair a complexidade interior dos entrevistados.

Parabéns, *JUAREZ*, por estar conseguindo “vencer”, como costuma dizer, encontrando nas palavras escritas motivação para continuar lutando com garra no seu dia-a-dia. Ganha você, e ganham todos os leitores, que são presenteados com os seus deleitosos textos...

Ian Kertzman

APRESENTAÇÃO

Em 2008, ousei escrever *FATOS DA VIDA*, episódios biográficos romanceados, explicando aos leitores que o fiz para sobreviver à inércia decorrente de severa enfermidade física que exacerbou problemas psíquicos que enfrento, desde “a flor da mocidade”, expressão que ameniza essas palavras.

Parece que o *CRIADOR* insiste em me manter neste “*PLANO*”, extrapolando a sua generosidade para comigo. Certo dia, ao amanhecer sem pauta, inteiramente descompensado, socorreu-me, mais uma vez. Fez chegar ao meu conhecimento que *MARIANA*, querida e bondosa filha, também sob sua proteção, já atingindo a maturidade como Juíza Federal do Trabalho, me convidaria para uma viagem a Paris e Sevilha, fato que já não passava mais por minha cabeça. Deu tudo certo e o passeio foi inesquecível.

Gostaria de dizer, porque me faz bem, que *MARIANA* já tem três filhos: *DIEGO*, *LEO* e *TAIS*, e promete que chegará para brincar com a gente mais um casal.

Se isso não bastasse, o meu *DEUS* atendeu ainda um pedido que lhe fiz: antes de partir gostaria de rever Nova Iorque, uma grande paixão, onde estive em agosto de 1968, na plenitude da mocidade, bonito, deslumbrado, sedutor, muito feliz. Já faz tanto tempo isso... quase uma vida! Época que em tudo acreditava, inclusive no verdadeiro amor, embora a vida se encarregue de mostrar que os sentimentos normalmente

não ficam estáticos com o decurso do tempo e nem sempre estamos preparados para essas mutações. Isto às vezes não é percebido pela mocidade, que talvez deva mesmo ser poupada, para que se não percam os seus encantos.

Como fui feliz naquela oportunidade! E isso se repetiu agora, com a presença de minha mulher, *ELAIDE* (a quem conheci aos seus dezesseis anos), e mais nossos filhos, genro e netos.

Quando retornei, emocionado e profundamente agradecido ao *Pai* por tanta misericórdia, *Lhe* confessei que não tinha mais coragem, a partir de então, de fazer qualquer pedido. Já há algum tempo, sem pauta novamente, senti que *Ele* conversava comigo (nós sempre nos falamos), quando me admoestou, embora suavemente: “Filho, você tem que se ajudar. A estrada é longa. Não antecipo *chamadas* e não transijo com especulações a esse respeito, Viva! Prometa-me que vai fazer a sua parte.”

Por sinal, tenho ouvido reiteradamente do meu Médico e amigo: “Pelo amor de *DEUS*, faça alguma coisa, saia de casa, recite, conte as estrelas, olhe os balões no céu, assista o Vitória jogar, estimule os casais enamorados a escreverem cartas de amor recíprocas e, se não conseguir fazer isso, até vender banana na feira serve”.

Levantei-me hoje cedo, orei, agradei por mais um dia e tive forças para começar a escrever, registrar, contar alguma coisa, criando novamente uma pauta, para ter o que fazer no campo intelectual.

Assim, numa manhã ensolarada, a quatro meses da chegada de *JOÃOZINHO*, nasceu *ELES ME CONTARAM...*,

sob muita energia, fé e esperança. Tentei trazer à tona a apreciação de assuntos bastante complexos e empolgantes como a própria existência humana, a paixão, o amor, a amizade, a liberdade, o sucesso, a morte, *DEUS*, pois creio que muitos gostariam ou teriam curiosidade de conhecer o posicionamento de cada entrevistado.

Como forma de presentear leitores amigos, escolhi pessoas competentes, estudiosas e que se interessaram pelo trabalho, a que chamei de um extraordinário G5: um Médico Psiquiatra e Professor, Mestre em Medicina, Dr. *DOMINGOS MACÊDO COUTINHO*; um Jurista, Dr. *ANDRÉ BARACHÍSIO LISBÔA*, estudioso, Professor, Advogado, humanista, homem íntegro, que tenho a honra de privar de sua amizade e que fez uma grande festa quando nos encontramos; um Médico-cirurgião brilhante, Dr. *LUIZ ANTÔNIO MEDEIROS DE OLIVEIRA*, que usa o dia inteiro o bisturi, espiritualista, querido e velho amigo; uma Educadora, humanista e filósofa, *Professora LEDA JESUINO DOS SANTOS*, que contribuiu decisivamente no direcionamento da minha formação educacional, moral, emocional, diante da vida; e um Engenheiro Civil, Administrador público e Político, Dr. *SÉRGIO GAUDENZI*, que entrou para a história, face a sua atuação na equação do apagão aéreo brasileiro.

Não posso deixar de esclarecer ao leitor que dividi este trabalho em três partes: a) respostas aos questionamentos, em ordem alfabética dos entrevistados, transcritos os textos na íntegra, sem tirar nem pôr, como gostava de dizer *CATHARINO*, meu saudoso e querido Mestre; b) algumas incursões, explicitando minha visão sobre certos posicionamentos, participando um pouco mais do trabalho,

embora os entrevistados sejam os seus verdadeiros autores; c) *ANEXOS*, um complemento indispensável ao trabalho, muito interessante, que resolvi, por questões didáticas, apartar.

Confesso que foi uma tarefa árdua preparar a formulação das questões suscitadas, que exigiu muito de mim, levando-me a reflexões, às vezes exaustivas.

Se *DEUS* quiser, e *ELE* há de querer, nos meus 65 anos de vida, numa Casa de Fado em Lisboa, junto à família e amigos, como desejam, comemoraremos também a vitória pela conclusão do livro.

Muita tolerância com este autor, prezados companheiros.

Juarez Wanderley

02 de maio de 2010

As entrevistas
na íntegra



Entrevista
com o Jurista
André Barachísio Lisboa

Acordei disposto, bem mais cedo que de costume. Observei que estava alegre, o dia mais bonito, renascendo um entusiasmo que já não cultivo.

A explicação dessa mutação saudável eu já tinha, sem necessitar de qualquer tipo de terapia. Havia marcado encontro com um homem culto, que vive neste plano há sessenta anos. Mais do que isso: iria conversar e muito aprender com um extraordinário Advogado, integrante do Escritório de Advocacia *BARACHÍSIO LISBÔA*, que também já foi, por longo período, Professor, fez parte de bancas examinadoras de concursos públicos importantes, como representante da Ordem dos Advogados, Secção Bahia, entre outras atividades profissionais.

23

Eles me contaram...

E por falar na OAB, essa entidade que tem influência direta na vida política e institucional do país, sempre defendendo a liberdade, as instituições democráticas, teve a honra de agasalhá-lo em seu Conselho, além de haver ele exercido a Vice-Presidência e, em algumas oportunidades, a Presidência.

Estou falando, caro leitor, do Advogado *ANDRÉ BARACHÍSIO LISBÔA*, cujo pai, *BARACHÍSIO LISBÔA*, foi um dos mais notáveis Advogados da Bahia, que nos deixou precocemente.

Gentil, elegante, manso, pontual, Dr. *ANDRÉ* me recebeu em seu Escritório, como ajustado, atendendo pedido para que ajudasse a tornar este trabalho mais interessante; enriquecendo-o.

Depois de um cafezinho, disparei a primeira pergunta, mas Dr. *ANDRÉ* disse que gostaria de responder aos meus

questionamentos posteriormente, por *e-mail*. Concordância imediata.

Poucos dias depois, o respeitável Jurista comunicava pessoalmente que já tinha cumprido a tarefa e enviado sua colaboração para o meu endereço eletrônico.

* * *

As lições do ilustre
Causídico

– *Em síntese apertada, o que faz exatamente um Advogado no Brasil?*

- A profissão ganhou tantos horizontes que a especialização se impôs. Hoje a advocacia é um gênero, cujas principais espécies são a advocacia extrajudicial e a contenciosa. A advocacia contenciosa nos países civilizados representa um percentual pouco significativo, se considerado o volume dos serviços executados pelos profissionais da área. O dever do Advogado é o de lutar pelos direitos do cliente, mas não pelos caprichos ou pela concretização de intenções que a ética condena. Este desvio que o brasileiro, em geral, tem em mente, de que o Advogado é o instrumento para obstaculizar a realização da Justiça, deve ser combatido. Voltando ao cerne de sua pergunta: que faz um Advogado brasileiro? Não posso responder com exatidão, pois não exerço a profissão em algumas especialidades importantes, como a criminal e eleitoral. Mas lhe digo que temos que cumprir uma agenda enorme de diligências processuais; estudar muito, para formar uma cultura técnica e humanística; aprender a ouvir para compreender o outro, ainda que seja o adversário; ser fiel ao cliente e leal com a outra parte; e dedicar-nos com afinco à defesa intransigente do Direito. Um julgamento favorável não raro é consequência disso, ainda que alcançado tantas vezes, muito tempo depois do início da demanda. O cliente é um imediatista.

– *O imortal Jurista italiano PIERO CALAMANDREI disse, certa feita, que a Justiça nasce da dor. Como seria isso para o leitor bem entender?*

- Advogar é examinar todos os dias a condição humana. Um Advogado forense, como eu sou em boa parte do meu tempo, tem que se preparar muito para conviver, todos os dias, com a dor. Todos os insucessos da vida social e todos os inconformismos vão parar no Fórum. Lidamos, diariamente, com o desespero, o ódio, a revolta, e muitos outros sentimentos humanos, alguns para mim detestáveis como a cupidez e o egoísmo. Nosso exercício diário é compreender a condição humana, com todas suas imperfeições, entender cada um na sua exata dimensão, sem preconceitos, e buscar soluções objetivas para os conflitos de interesse. A advocacia é a profissão mais parecida com a dos atores, quando representamos o cliente temos que respeitá-lo, devemos levar ao Juiz o seu convencimento e lutar pelo seu direito. Mas da mesma forma que os atores, devemos recusar os personagens que extrapolam a nossa capacidade de compreensão. Devemos conviver, também, com a frustração de insucessos profissionais. Temos que respeitar a convicção do Juiz que não acatou nosso argumento, afinal, convivemos diariamente com a discórdia; mas não desanimar na perseguição do reconhecimento do direito alegado.

– Alguns desejariam que o Escritório do Advogado fosse um Pronto Socorro de aflições humanas, por não se poder estabelecer antecipadamente quais são as horas em que a dor pode bater à porta do Advogado. Que tem o senhor a dizer?

- É isso mesmo. Mas somente se justifica a ida ao Pronto Socorro do paciente vítima de um acidente. Infeliz-

mente o brasileiro deixa de solicitar serviços de advocacia preventiva. Quando o conflito se instala e muitas vezes, na última hora, o cliente busca a assistência profissional, depois de descartadas muitas oportunidades para solução do assunto. O cliente que padece de uma crise de doença crônica deve ir ao Pronto Socorro, mas poderia ter evitado a constituição desta circunstância crítica.

– A pergunta anterior foi feita, porque a comunidade tem a ideia de que o Advogado de hoje é mais um técnico ou um empresário de si mesmo e/ou do Escritório que integra. Como vê o nobre Advogado esta colocação?

- O exercício da advocacia é uma forma de angariar recursos para a sobrevivência. Um escritório de advocacia deve ser visto como uma sociedade profissional, a qual objetivamente deve produzir resultados, como as demais sociedades com fins lucrativos. Todavia, somente sob este aspecto se aproxima das empresariais, desde quando o exercício profissional tem repercussões que afetam o interesse público, por isso que a Constituição estabeleceu a imprescindibilidade da advocacia para a administração da Justiça. Tudo é uma questão de perspectiva. Quem não olha o mundo e a vida com grandeza e consciência será sempre desprezível.

– É certo que a advocacia não gosta dos corações frios?

- Não. A advocacia exige lucidez. Para que isso seja possível, o profissional deve ter um distanciamento do objeto da demanda. O Código de Ética Profissional não recomenda a advocacia em causa própria, mas não a pro-

íbe. A paixão é má conselheira... A advocacia exige destemor e determinação, mas é incompatível com a imprevidência.

– *Que é um Advogado esperto?*

- Eis um grande tema. A acepção desta palavra “esperto” precisa ficar bem determinada. Se o conceito de “esper-teza” estiver ligado ao infeliz epíteto “gosto de levar van-tagem em tudo...” sem qualquer limitação, o Advogado não deve ser esperto. O fim da advocacia não é a prática de atos moralmente condenáveis e juridicamente ilícitos, estando algumas condutas previstas como tipos pe-nais. Para mim, o Advogado esperto é aquele que compreende o cliente e a versão que lhe é apresentada e que, a partir dos meios de prova de que pode dispor, cons-trói a tese consistente em busca do reconhecimento do direito que alega.

– *Considera uma contínua ameaça à Justiça a habilida-de do Advogado, de fazer o branco parecer preto e vice-versa?*

- Vou usar uma expressão do Mestre CALMON DE PAS-SOS. Em qualquer ramo da atividade humana participam pessoas que possuem virtudes e defeitos. Combinando cada profissão com cada virtude ou defeito, você chega-rá a todas as alternativas possíveis. O exercício da advo-cacia não consiste em escamotear a verdade. Mas o que é a verdade? Verifique, em primeiro lugar, que recebe-mos uma versão do cliente sobre fatos de cuja produção não participamos. Já afirmei, em resposta anterior, que a advocacia é a arte de representar uma versão e, agora

acrescento, de buscar fazer a sua demonstração (da versão recebida). Mas, voltando à verdade, quem nunca se enganou? A questão é o limite do equívoco, aí temos a boa-fé, a seriedade, voltamos a todas as virtudes e defeitos que a ética contempla, aplicáveis a todos, inclusive aos Advogados. Mas, não esqueçamos uma coisa, o Advogado de cada parte tem o dever de avaliar a verossimilhança da versão do cliente e de verificar as possibilidades de êxito na sua demonstração. Não esqueça que podem existir alegações verdadeiras, mas de difícil ou impossível comprovação... Aí entramos na avaliação da prova, que é tormentosa. Em certas situações pessoas diferentes concluem diferentemente quando avaliam o mesmo objeto. No processo, quem avalia a prova é o Juiz, por isso, é comum que determinadas teses sejam aceitas por um deles e rejeitadas por outros. Isso ocorre até entre órgãos de um mesmo Tribunal. Mas não se pode emprestar isso ao Advogado, não é verdade que esse desencontro resulte de habilidade profissional. Quem ganha a causa é o cliente, o Advogado é apenas um instrumento. Mas, sendo instrumento inteligente, deve ter consciência do que faz. Qualquer instrumento pode ser bem ou mal utilizado, inclusive os jurídicos.

– *CALAMANDREI também escreveu que, em todo o processo, há dois Advogados: um que diz parecer branco e outro que diz parecer preto. Verdadeiros os dois não podem ser, já que sustentam teses contrárias. Logo, um deles mente. Isso autorizaria considerar que 50% dos Advogados são mentirosos. Como o mesmo Advogado que tem razão em uma causa e não tem em outra, isso não*

confirmaria que todos são mentirosos? Diante dessa colocação, existe a mentira profissional do Advogado?

- Este é um artifício de retórica. Quanto à versão dos clientes, já me expressei. Mas, vamos a fundo na resposta à sua pergunta. Um Advogado pode mentir no processo? Infelizmente pode. Veja a lição do Mestre CALMON. Você acha que o Juiz, como qualquer pessoa enganada uma vez, não receberá, com reserva, as alegações deste profissional nos casos subsequentes? Na vida social tudo tem limites e controles, que funcionarão em certo tempo, breve ou remotamente. Nada é para sempre.

– *Como descrever a figura de um notável Advogado?*

- Os mais jovens não o conheceram. Descreverei a figura de um notável Advogado relembrando Dr. JAIME GUIMARÃES, a quem aprendi a admirar, a partir do alto conceito que meu pai tinha dele. Sóbrio, discreto, firme, diligente, dedicado, sério, estudioso, destemido, em uma palavra: notável.

– *Um Advogado que, ao defender uma causa entra em polêmica imperdoável com o Juiz, comete a mesma imprudência do examinando que, durante a prova, discute com o examinador?*

- Eis outra excelente pergunta. Um Advogado não deve ter receio de manter polêmica com qualquer julgador sobre assunto processual. A questão é que deve observar a regra recomendada pelo Código de Ética de tratar todos os personagens do feito com respeito e urbanidade. A impugnação da decisão judicial deve ser feita, sempre,

mas com o mesmo respeito que a advocacia merece. Este um traço civilizatório, porque na barbárie não havia discussão... A relação é diferente da existente entre aluno e examinador. Nesta existe hierarquia, na processual não. No processo existem, ainda, recursos, muitos...

– *O senhor apontaria os principais dons que o Juiz mais aprecia no discurso dos Advogados?*

- Indiscutivelmente a plausibilidade. O cuidado na elaboração do trabalho apresentado, a objetividade na avaliação dos aspectos da demanda e a fundamentação legal das alegações. Se fosse Juiz jamais avaliaria uma causa pela pessoa do Advogado de qualquer das partes. Eles são instrumentos que podem ser substituídos. Logo, materialmente não são substanciais para a decisão, importantes são as alegações que residem no processo. Dizia o velho *JOÃO MONTEIRO*: “O que não está nos autos não está no mundo”.

– *É verdade, como afirmam muitos, que a mais grave das desgraças que pode acontecer a um Advogado é ter como cliente um Magistrado?*

- Os Juízes também são pessoas que não escapam à avaliação do Mestre *CALMON*. Já tive um cliente que era Juiz. Seu comportamento como cliente foi exemplar. Interessado, colaborativo, participativo. Acho que foi uma experiência construtiva tanto para mim, que pude defender um cliente que tinha consciência do seu direito e que ajudava na sua demonstração, como para ele, que ao fim do processo me disse não ter ideia do trabalho de um

Advogado, porque os avaliava a partir dos atos judiciais. Disse-me que não imaginava o quanto custava preparar e diligenciar os atos da instrução.

– Alguns costumam dizer que os clientes preferem a audácia dos jovens à trêmula sabedoria dos velhos. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

- Dr. *ALTINO SERBETO DE BARROS*, uma das referências profissionais que tenho na minha cabeça, dizia jocosamente, que a advocacia tinha três idades: “a da perna, que é diligenciar a efetivação dos atos processuais; a da bunda, em que o profissional passa a maior parte do dia sentado, escrevendo razões; e a da cabeça, que é coordenar as duas outras.” O cliente deseja a efetivação do resultado, para ele não importando quem o entregue, se jovem ou velho. Atualmente, a maior eficiência recomenda conjugar os dois.

– Quando falamos da velhice, inconscientemente nos lembramos da morte. O senhor tem medo da morte? É possível um homem preparar-se serenamente para morrer?

- A morte é o fim. Só isso. Não me parece uma coisa terrível, mas um fenômeno natural. Brinco muito com os meus próximos dizendo a eles que a minha morte é problema deles porque, para mim, quando chegar, acabou... Filosoficamente, devemos viver a vida com plenitude, mas com consciência de que esta chama pode se apagar. Na minha experiência perdi meus pais repentinamente. Não esqueço os sentimentos místicos de meu pai, leitor de um livro religioso “*A IMITAÇÃO DE CRISTO*”. Ele

sempre me disse que quando estivesse numa situação difícil abrisse aquele livro numa página qualquer e lesse, pois ali estaria uma mensagem. Quando ele faleceu abri o livro, e ali estava escrito: “Não se orgulhe da aparência ou da formosura do seu corpo, porque ele é precário”.

* * *



Entrevista
com o Médico Psiquiatra
Dr. Domingos Macêdo Coutinho

Estive no consultório do Dr. *DOMINGOS COUTINHO*, amigo, Médico – referência nacional, Mestre em Medicina, profissional especializado em Psiquiatria, Professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, com milhares de atendimentos, recém-chegado de Congresso Internacional de Psiquiatria na Índia (15 horas de voo), onde foi reverenciado não só como conferencista mas, ainda, por seus demais títulos.

Não precisa dizer que fui recebido com carinho fraternal. Sempre gentil, atencioso, humilde, embora possuidor de notável saber, com ele conversei, respeitando rigorosamente o horário agendado.

O Doutor já sabia o que eu iria fazer e tudo correu muito fácil, com um momento de intensa emoção quando abordamos o tema da morte.

Contudo, em vez de me responder, perguntou: “*JUAREZ*, posso preparar esse texto em casa na tranquilidade do meu gabinete e lhe responder por *e-mail*?”

Sugestão acatada.

Que decisão acertada, pois a sala de espera estava repleta de pacientes não-agendados, abatidos, que tiveram certamente uma recaída. Isto acontece de vez em quando.

As respostas dadas pelo Doutor estão transcritas na íntegra, mais adiante.

* * *

As lições do ilustre
Psiquiatra

– *Meu Príncipe, como costumo chamá-lo às vezes, o que é exatamente a Psiquiatria?*

- A **Psiquiatria** é uma especialidade médica que lida com a prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação dos sofrimentos psíquicos e mentais, sejam de cunho orgânico ou não. Seu objetivo principal é o alívio do sofrimento e o bem estar psíquico pleno. Para se conseguir tal objetivo é necessário uma avaliação rigorosa feita pelo exame do estado mental e a história clínica do paciente; esta, por sua vez, é realizada através das suas perspectivas biológicas, psicológicas e culturais.

Uma doença psíquica pode ser tratada através de medicamentos – sobretudo as psicoses – e de outras técnicas terapêuticas, como a psicoterapia, nas suas mais diversas modalidades. Testes psicológicos, exame neurológico e de neuroimagem podem ser utilizados como coadjuvantes no seu diagnóstico.

As doenças mentais são descritas através dos sintomas psicopatológicos. Elas são catalogadas em síndromes e depois em enfermidades propriamente ditas.

Muitas dessas doenças não têm etiologia definida, **não têm cura**, mas podem ser apenas episódios isolados. Entretanto algumas podem cursar de maneira crônica, com importantes repercussões sobre a qualidade de vida do paciente e de sua família.

Em linhas gerais é o que eu posso lhe responder, meu caro *JUAREZ*.

– *O senhor absorve ou transfere para si algum sofrimento do paciente ou, quando fecha a porta do seu templo, vai para sua casa como um cidadão comum que encerrou mais um dia de trabalho?*

- No dia em que eu deixar de me emocionar, Juarez, com o sofrimento dos meus pacientes, asseguro-lhe que abandonarei a prática psiquiátrica.

Apesar de mais de trinta e cinco anos de exercício cotidiano da profissão, de ultrapassar o número de dez mil pacientes cadastrados somente em consultório, dos treinamentos a que me submeti (seis anos de psicanálise), dos treinamentos por que passei, das técnicas que aprendi, considero absolutamente impossível compartimentar a minha prática. Recuso-me a ser um burocrata de uma especialidade, pois me preocupo e me envolvo, processo contatos nos intervalos das consultas, forneço, desde o primeiro dia de atendimento, todos os telefones pessoais, e mais, não deixo uma única ligação sem resposta. Procuro, enfim, transmitir ao paciente segurança, aliança e até certa cumplicidade.

Evidentemente que há um limite para todos e para cada caso pois também não me furto a dar solenes “esporros” quando verifico que há abuso ou manipulação do paciente.

Minha prática, *meu príncipe*, como também gosto de lhe chamar, é cansativa, às vezes extenuante, porém nunca monótona ou tediosa. É claro que o que sobra para os pacientes, carinho, tolerância, acolhimento, às vezes falta para a família e amigos. Mas esta foi a minha escolha.

– Homem culto que é (revistas, psicotrópicos e a Bíblia sobre a mesa de trabalho), sei que o senhor tem intimidade com AUGUSTO DOS ANJOS, famoso poeta. No seu Livro “Eu”, disse ele aos homens, em um de seus poemas:

*“Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!”*

Esses versos incomodam as pessoas? O senhor tem medo da morte? É possível um homem preparar-se serenamente para morrer? Saber que vai morrer pode ser apontado como uma das causas mais fortes das enfermidades psíquicas?

- Os versos transcritos de *AUGUSTO DOS ANJOS*, que já conhecia e, respondendo ao seu questionamento, penso que sim, que incomodam as pessoas e, de forma mais acentuada, as que apresentam maior sensibilidade e do momento vivenciado.
- Com relação ao medo da morte, apesar de católico, cada vez mais apostólico e menos romano, tenho com ela uma relação muito ambígua: por vezes, finjo ignorá-la, como se estivesse à margem dela, infenso à possibilidade, onipotentemente imortal: em outras encaro-a apenas como uma etapa de um ciclo vital a ser cumprido, uma sequência natural; abjuro a ideia da reencarnação, apesar do conforto que ela me propicia; outras vezes, temo-a desesperadamente, apavoro-me com a possibilidade, sobretudo quando imagino que tanta coisa poderá deixar de ser feita.

Não temo, contudo, o Juízo Final, talvez por acreditar na infinita misericórdia divina.

- Há quem afirme que “sendo o homem o único animal que sabe que vai morrer”, tal conhecimento lhe geraria a ansiedade ontológica que o diferencia dos demais, que aguça sua curiosidade, que o impele a vencer desafios, obstáculos, tudo na tentativa de sobrepor-se a inexorável realidade. Talvez se não fosse essa ansiedade, angústia ontológica, ainda estaríamos como os símios em cima das árvores ou vivendo como o homem das cavernas.

Por outro lado, esta nossa ansiedade, e aqui me confesso um grande ansioso, pode ser intensificada em função do *stress* dos mais variados, provocados por traumas psíquicos diversos, falha nos mecanismos de defesa, situações marcadamente indesejáveis, agressões de todas as ordens (o que há de mais estressante do que suportar 1h30 min diariamente no trânsito como da nossa cidade), violências cotidianas, competição desleal, as carências afetivas e materiais, etc. A intensificação dessa ansiedade conduz a algo patológico, incapacitante, insuportável, e aí o ser humano transforma tal vivência em sintomas fóbicos, obsessivos, depressivos.

Se se acredita que a diferença entre a neurose e a psicose está num “*quantum*” e não no “*quale*” é possível admitir que o “saber que vai morrer”, mesmo inconsciente, pode ser responsabilizado como causa, não sei se a mais forte, das enfermidades psíquicas.

De outra forma, aí entrariam os fatores genéticos, sociais, ambientais, *sensu latu*, enfim todo o grau de questionamentos sobre os quais a psiquiatria se debruça.

Há quem diga que se comparássemos os conhecimentos que temos sobre o funcionamento do cérebro e do SNC com a da química ainda estaríamos na alquimia. Não subscrevo tal afirmativa, mas estamos ainda muito longe de elucidar a gênese de tais enfermidades.

* * *



Entrevista
com a Professora
Leda Jesuino dos Santos

Ontem foi um dia puxado. Conversei com artistas plásticos, políticos, intelectuais, pessoas do povo, trocando ideias, ouvindo conselhos e, à noite, fui a casa do teimoso, mas querido, competente e insubstituível revisor, *HELVÉCIO MEIRA*, que divide os prazeres da maturidade com a família e o trabalho.

Gostaria de dizer ao leitor, porque sinto vontade, que “dom *HELVÉCIO*”, assim o chamo muitas vezes, aposentou-se como funcionário do Banco do Brasil, tendo servido, por uma vida, à instituição e seus clientes.

É pessoa admirável e não digo isso por explorá-lo tanto.

HELVÉCIO, para servir aos amigos com indescritível boa vontade, revisa textos por prazer, não jogando fora sua competência, consertando, corrigindo e fazendo com que eles fiquem melhor elaborados.

Isso não é tudo, pois há um desses amigos que, no meio do trabalho, ele já um pouco cansado, sem qualquer cerimônia, lhe pergunta: “*HELVÉCIO*, tem aquele suco de graviola, caju, tamarindo, bem geladinho?” E sem esperar resposta, acrescenta: “Que vontade de saboreá-lo um pouco agora!”

Quando há uma pessoa por perto ele transfere o atendimento, mas, na maioria das vezes, levanta-se, vai à geladeira, indaga da minha preferência, pois os sucos são variados, e traz consigo a merenda pedida. Ah! ainda digo: “Com adoçante, cinco gotas!”

Não sei até quando ele vai aguentar esse cidadão, que não é uma pessoa ruim.

Hoje foi mais leve: acordei e levei os meus netos para Vilas do Atlântico, onde ainda mantenho casa de veraneio e os

deixei com a avó e a babá, brincando no “Buraco da Velha”, praia muito conhecida e famosa, pela tranquilidade de suas poças, quando a maré está baixa. Enquanto isso, sentei-me à mesa de minha predileção, na barraca que leva o seu nome, e que dá sustentação à praia.

Céu e mar azul, praia, gente, muitas crianças favoreceram para que tivesse a mente invadida por imagens bem antigas e que me fizeram tão feliz naquele instante.

Refiro-me aos anos dourados de minha vida, no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da antiga Universidade da Bahia (isso já tem tanto tempo, meu *DEUS*...), sob a direção da Professora *LEDA JESUINO DOS SANTOS*, a mais completa Educadora da minha geração. Mais uma vez, nova constatação: *DEUS* me deu esse privilégio de ser ali educado, sob sua orientação.

Este trabalho não comporta fornecer informações da vida acadêmica da Professora *LEDA*, porque só um tratado seria capaz de fazer isso, mas não posso deixar de reiterar ao leitor, que certamente já sabe, que ela foi uma extraordinária Educadora, com impressionante formação acadêmica, filosófica e humanística, um ser humano invejável, generosa, boa esposa, mãe, exemplar em tudo.

Por longo período, Professora *LEDA* dirigiu o Colégio, onde estudei durante sete anos, que mantinha classes com 25 alunos no curso Ginásial, da primeira à quarta séries, e no Colegial, em três anos, científico ou clássico, a depender do futuro escolhido pelo estudante.

Dos dezessete alunos da minha turma que chegaram ao terceiro ano colegial, dezesseis ingressaram de imediato na

Universidade, com resultados expressivos: primeiro, terceiro e quinto lugares em Medicina, primeiro em Arquitetura, primeiro em Engenharia, quinto em Direito e por aí vai. O único colega que não foi feliz no vestibular, num acidente de percurso, passaria muito bem, no ano subsequente, habilitando-se a cursar Engenharia Civil.

Professora *LEDA* criou e sempre apoiou o Serviço de Orientação Educacional do Colégio, fazendo reuniões constantes entre pais e Professores. A programação da Escola permitia aos estudantes passearem muito. Havia piqueniques que estimulavam melhor convivência entre alunos e natureza. No ano de 1960, em avião cedido pelo Loid Brasileiro, cinco horas de voo, a inesquecível quarta série foi assistir ao nascimento de Brasília. Algo de espetacular! Estivemos no Alvorada, nas avenidas empoeiradas onde surgiram os Ministérios, no Hotel Nacional, na televisão, ainda inexistente na Bahia, tudo sob o comando da Professora *LEDA*, que nos deu a alegria de incluir na delegação o Dr. *JESUINO*, seu marido, que assumiu ser Médico oficial do grupo, e os seus filhos, *LEDINHA*, *JESUINO* e *MÔNICA*.

Essa Educadora não só contribuiu para que aprendêssemos Física e Matemática, o Teorema de Pitágoras e o das Três Perpendiculares, as regras sobre Crase e os Acidentes Geográficos, mas nos ensinou também conceitos sobre a Paz, Liberdade, Amor, Comiseração, abrindo nossos corações para que cultivássemos a Espiritualidade.

Tudo na Aplicação era feito assim, com amor, paixão e empolgação. Embora alguns colegas daquela época reconheçam todas as qualidades da Educadora, ainda hoje acham que ela poderia ter sido menos severa na parte disciplinar.

Eu, porém, continuo sempre chamando-a de minha doce diretora.

Encorajei-me e pensei: por que não pedir sua colaboração para esse meu trabalho? Será que ela me atenderia?

Fiz a primeira tentativa sem êxito, mas consegui falar com dona *RAIMUNDA*, pessoa de sua convivência já por longo tempo. No entanto, às 13h30min do dia 16 de dezembro, perto do Natal, ela atendeu ao meu telefonema, de maneira amável, mais doce do que nunca, ouviu o que eu queria dizer e entendeu rapidamente.

Marcamos encontro para a segunda-feira à noite, quando me recebeu no horário previsto. Depois de um abraço emocionante, de relembrar alguns fatos que nos fizeram sorrir e chorar, detalhei o meu trabalho, que ela facilmente assimilou. Professora *LEDA* iria viajar no dia seguinte com um dos seus filhos para a Itália, mas me prometeu que na sua volta responderia por *e-mail* aquilo que eu postulava.

Cumpriu o compromisso na íntegra.

* * *

Os ensinamentos
da Mestra

Meu querido *JUAREZ*

Sua “doce Professora”, que sofreu as necessárias transformações que a vida impõe, tenta satisfazer o seu intento com uma especial atenção à complexidade de suas perguntas.

São questões que minha formação filosófica sempre me impôs. No entanto, não é fácil a sintética resposta que você deseja. Creio que minha tentativa é válida porque verdadeira, sincera e reflexiva.

Na minha longa vida profissional – 50 anos na UFBA –, desde cedo aprendi que, na estrada da vida, há os que se vão e os que ficam eternizados na paisagem. Você, aquele jovem garoto inteligente, simpático e vibrante, foi um dos que ficaram, e é para sempre a imagem que se eterniza.

As lembranças de sua figura entrando na modestíssima sala da diretoria do Colégio de Aplicação, o jeito de falar, a simpática forma de colaborar servem hoje de motivação para lhe escrever, com ânimo, e reafirmar a minha vontade de participar do seu projeto de escritor.

Não sei se encontrará, nas minhas respostas, a “doce Professora” de sua adolescência porque o sal da vida costuma, às vezes, absorver a doçura e temperar a monotonia do cotidiano viver...

Um beijo,

Leda

Março/2010

– Professora LEDA, para a senhora, qual o sentido da vida?

- Esta é a mais complexa pergunta que todos os dias, ao acordar, o homem reflexivo e profundo tem de fazer a si mesmo: “Qual é, na verdade, o sentido da minha vida?” Tem de ir fundo no âmago de si mesmo, para saber a verdade plena.

Para mim, o sentido da Vida está em **Amar**, com as dores e os amores que o Amor acarreta. Creio que não viveria se não tivesse a capacidade de amar. Sentir o Amor dentro de si mesmo e poder expressar este amor, seja ele dirigido a uma causa, à humanidade, a um Ser Amado, não importa. Amar é o essencial, pois o egoísmo dificulta o ato de amar. Necessário sublimar e sentir o amor.

– A senhora vive emoções maiores por ser Educadora?

- O grande Educador *ANÍSIO TELXEIRA* disse certa vez que “Educar é tarefa quase impossível”. Ao declarar as dificuldades que um Educador normalmente encontra no seu caminho, o grande Mestre quis advertir o quanto se torna difícil desenvolver num educando todas as suas potencialidades para que ele chegue a SER o que ele pode Ser, ou seja, o que ele tem de capacidade para pensar, sentir e agir de acordo com seus valores, definidos ao longo de sua educação. Essa tarefa traz, na sua essência, as grandes emoções que são vivenciadas na relação humana de muitas expectativas; o dar e o receber se potencializam e se transmutam no AMOR com que se vivencia o educar, que é o *élan* vital entre o que educa e o que vivencia ser educado.

– Que pode ter representado o Colégio de Aplicação para uma geração?

- Representa uma passagem enriquecedora, uma oportunidade de aprender a pensar, refletir e analisar, a ter uma leitura crítica do mundo da sua época. A minha maior emoção é sentir que o Colégio de Aplicação ainda vive na mente dos que o criticam e no coração dos que o amam. O Colégio de Aplicação representou, nos meados do século passado, o que de mais inovador era possível realizar na complexa área pedagógica do ensino fundamental, quando pouco ou quase nada se havia realizado em experiências educacionais.

Para as gerações do século passado, foi a oferta de uma educação inovadora. Era um colégio experimental por excelência no qual os Professores que a ele se integrassem, deveriam tentar novas metodologias e experimentar novas formas de educar. Para a Faculdade de Filosofia, significava o seu campo de experimentação, a razão de ser de uma instituição que se destinava à formação de Educadores. Era necessário transmitir ao seu corpo docente, técnico e discente uma filosofia educacional bem definida, bem assimilada.

Precisavam todos respirar “um novo ar”, um clima diferenciado que fizesse o aluno sentir-se não um aluno qualquer, mas alguém que era alvo de todo um processo educacional, um estudante a quem se desejava oferecer instrumentos indispensáveis para “aprender a pensar”, “aprender a aprender”, “aprender a desaprender”, com reflexão crítica e capacidade de analisar e escolher o seu caminho.

– *Como a senhora encara a reação emocional dos alunos que fizeram do Aplicação um mito?*

- Como a fixação de uma fase excepcionalmente produtiva e prazerosa. Percebo e encaro a emoção dos ex-alunos do Aplicação como uma profunda recompensa do que pude construir com uma equipe de grande capacidade profissional. Gostaria de nominar os meus companheiros desta aventura pedagógica, mas temo deixar alguém fora da listagem. Se me fosse possível, abraçaria todos, imensamente agradecida por tudo que lhes foi possível oferecer para o sucesso educacional do Aplicação.

Ao deixar a direção e assumir a Faculdade de Educação, o Colégio de Aplicação, como órgão da Faculdade, estava sob a minha jurisdição, dirigido pela grande Educadora *ZILMA BARROS*, que comigo comungava os mesmos ideais, a mesma filosofia de educação. Outras inovações foram introduzidas sob nossa responsabilidade.

– *Muitos alunos consideram, sob muita emoção, que viveram uma fase dourada quando estudavam no Colégio de Aplicação. Por que tanto saudosismo desses alunos?*

- Porque, do passado, fica o que nos tocou o coração e eletrizou a nossa mente. O saudosismo dos alunos é a célebre “volta ao passado”, que permite ao ser humano a delícia de recordar os seus anos dourados. Numa fase marcante de suas vidas, o Colégio de Aplicação lhes ofereceu uma liberdade controlada, Professores e muitos **Mestres**, que lhes permitiam ir adiante, observada a cautela necessária. Com Orientação Educacional, Coordenação Pedagógica, Estudo Dirigido e uma educação

voltada para a formação do caráter – hoje tão ausente –, eles tinham a possibilidade de discutir, apresentar suas ideias e seguir em frente, confiantes em si mesmos.

Quanto à rigidez que alguns alunos colocam como ponto negativo, é preciso contextualizar. Não era fácil dirigir um colégio que tinha por função experimentar novos métodos, atender a uma Congregação da Faculdade de Filosofia onde pontuavam nomes de relevante importância cultural, como *ISAÍAS ALVES, JORGE CALMON, MAGALHÃES NETTO, PEDRO TAVARES, THALES DE AZEVEDO, FREDERICO EDELWEISS, GINA MAGNAVITA GALLEFFI, MR. E MRS. BAKER, RAYMOND VAN DER HAGGEN, GABRIELA SÁ PE-REIRA, HELIO SIMÕES* e tantos outros grandes nomes da vida cultural e científica de Salvador, todos a exigir do Aplicação disciplina e produtividade, eficiência e eficácia.

– *Em frases isoladas, diga o que pensa sobre paixão, amor, amizade, beleza, mocidade, velhice, sofrimento, comiseração.*

- Paixão, amizade e amor são conceitos imbricados um no outro. O sofrimento permeia a paixão, o amor, a amizade, a velhice e a comiseração, porque viver é palmilhar uma estrada de obstáculos, e saltar obstáculos requer esforços. Não é fácil, porém, falar desses sentimentos de forma muito sintética.

A **paixão** é um feixe de emoções intensas, às vezes muito duradouras, que impulsionam o ser humano a viver por inteiro. É um sentimento intenso como um raio e

luminoso como o relâmpago. Pode acarretar emoções de dor ou prazer, em torno de um sujeito: paixão pela Ciência, pela Arte, por alguém que nos eletriza. Pode durar mais, ou menos, a depender das circunstâncias: um mês, um ano, uma vida às vezes. Em geral, pode transformar-se no amor.

O **amor** é um sentimento menos efervescente, mais tranquilo, em que o racional predomina sobre o emocional das paixões.

Nos Estados Unidos, *LEO BUSCAGLIA* é responsável por ministrar uma disciplina nomeada Amor, para a qual dezenas de estudantes esperam vaga para se matricular. Os milhares de considerações sobre o amor denotam a sua importância.

Considero o amor o mais forte, belo e nobre sentimento nutrido pelo Ser Humano, que o impulsiona a viver.

Muitas vezes, confundido com a paixão, o amor traduz todo o impulso vital que o homem sente para desenvolver seu potencial energético, que lhe dá o verdadeiro sentido do viver. É difícil de conceituar e acho que uma lenda indiana, um *koan*, poderia explicá-lo melhor.

Certa vez – sempre os *koans* orientais a nos guiar, como *JESUS* –, numa sala de aula, uma das crianças perguntou à Professora:

– Professora, o que é o amor?

Ciente da importância da resposta que deveria dar, a Professora aproveitou o intervalo para o recreio e pediu que cada aluno trouxesse, no retorno, algo que expressasse o sentimento de amor.

Ao voltarem, a Professora pediu que cada um mostrasse o que trouxera.

– Eu trouxe esta flor – disse uma criança.

– Eu trouxe esta borboleta. Vou colocá-la em minha coleção – disse a outra.

– Eu trouxe este filhote de passarinho. Ele havia caído do ninho.

E assim, as crianças iam mostrando o que tinham trazido, cada uma mais contente que a outra.

Aí, a Professora notou, no fundo da sala, uma criança que tinha ficado quieta o tempo todo, vermelha de vergonha, pois nada havia trazido.

A Professora então se dirigiu a ela e perguntou:

– Meu bem, por que você não trouxe nada?

E a criança, ameaçando chorar, respondeu:

– Desculpe, Professora. Vi a flor, senti o perfume e pensei em arrancá-la, mas fiquei com pena de matá-la. Depois, vi também a borboleta, linda, colorida. Parecia tão feliz vivendo que não tive coragem de aprisioná-la. Vi também o passarinho caído, mas olhei para o ninho e vi sua mãe olhando tão triste que resolvi devolvê-lo ao ninho. Portanto, trouxe o que não posso lhe dar: o perfume da flor, a liberdade da borboleta e a gratidão que senti no olhar da mãe do passarinho. Foi por isso que não trouxe nada.

A Professora agradeceu e deu àquela criança a nota máxima. O amor verdadeiro é aquele que trazemos no coração.

Sem o talento de *CAMÕES*, resta repeti-lo:

*“Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;
É um não querer mais bem querer;
É um solitário andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É ainda que se ganha em se perder.”*

JESUS veio ensinar a amar no mais amplo sentido do conceito de Amor. Veio para tirar do coração do homem o ódio, a vingança, para nele colocar o amor, o perdão, a compreensão e a capacidade de conviver em harmonia. Os homens têm menos capacidade de viver em rebanho do que os animais, pelo menos por enquanto. Mas a lei da evolução é inexorável, não só no mundo material como também no mundo espiritual, moral.

A **amizade** é um sentimento extraordinariamente compensador, constituído de uma argamassa rara na qual se juntam, pela mágica da energia pessoal, a compreensão, a ternura, a capacidade de doação e o prazer de uma convivência harmoniosa, com trocas enriquecidas de muito envolvimento anímico das pessoas.

Os amigos emprestam, à vida, calor e coragem para ir em frente e viver mais harmoniosamente.

Quanto à **beleza**, aprendi a conceituá-la com meu Professor de Estética, o grande poeta *CARLOS CHIACCHIO*, que era um homem de físico feio e de uma “alma” linda. Seu jeito de ser, doce, suave, expressava a sabedoria que

sua inteligência sabia irradiar. A palavra que mais se coaduna com beleza é harmonia.

A beleza dos comportamentos de *GHANDI*, de *SCHWEITZER* e *MANDELA* é comparável à beleza da grande atriz *INGRID BERGMAN*, à beleza do gênio criativo de *MACHADO DE ASSIS*, de *FERNANDO PESSOA*. Requer sempre harmonia.

Quanto a **mocidade** e **velhice**, que verdades podemos dizer sobre estes dois “estados anímicos” do ser humano, aos quais estamos todos sujeitos? “Se a mocidade soubesse e a velhice pudesse!”... Este é um desencontro pouco animador, que atormenta o homem no seu processo vital.

A **mocidade** sadia pressupõe vitalidade, força, *élan* vital, firmeza, ideal. Há, porém, os “moços velhos”, sem muita garra para enfrentar os desafios da vida, quando o medo predomina, *la peur de vivre* dos franceses.

A **velhice** sadia pressupõe tranquilidade, menos ansiedade e capacidade de análise mais profunda dos fatos e das ideias. Há os que envelhecem sorrindo, os “velhos jovens”. Aos 86 anos, sinto que ambos os estágios, tanto a velhice como a mocidade, trazem consigo vantagens e desvantagens. É importante lembrar que *OSCAR NIEMEYER* acaba de aceitar desenvolver um grande projeto arquitetônico aos 100 anos!

Sobre a velhice é, ainda, impossível esquecer a pergunta de uma criança: “O que é a velhice?” E eis a resposta daquela mãe envelhecida, muito sofrida pelas lutas e dificuldades das decepções, sentindo o peso dos sofrimentos sobre os ombros cansados:

– Olhe para o meu rosto, meu filho; isto é a velhice.

E o garoto viu as rugas, a tristeza nos olhos de sua mãe e, depois de alguns instantes, exclamou:

– Mamãe! Como a velhice é bonita!

E falando em **sofrimento**, sofrer é uma contingência humana, presença constante na vida do homem. A sabedoria é conviver com o sofrimento sem se deixar abater por ele ou por ele ser dominado.

Acontece sempre que os nossos sonhos são desfeitos, nossos anseios barrados, nossos desejos frustrados. Mas as perdas desencadeiam sofrimentos atrozes e quase insuperáveis para certas pessoas. O homem não veio ao mundo, porém, para sofrer, mas para ser feliz.

E a **comiseração**, o mesmo que a compaixão, é um sentimento atrelado ao amor que muitos indivíduos sentem pela humanidade, pelo outro, pelo próximo. Aflora no momento em que o indivíduo acredita que “não há melhor exercício para o coração do que nos inclinarmos para levantar os outros”.

O impulso incontrolável de servir ferve no ser do compassivo, e um impulso forte o leva a se aproximar do ser carente e tentar ajudá-lo, o que nem sempre consegue, porque ajudar o outro é tarefa difícil. Sabem muito bem disso as assistentes sociais, como eu, que analisam o servir como profissionais. O *DALAI LAMA* se debruça, magistralmente, sobre a análise da compaixão.

– *Acredita em DEUS, Professora LEDA? DEUS é justo? Será mesmo?*

- Não sou agnóstica. Creio numa energética potência emanadora das leis que governam o Universo, leis inexoráveis, decorrentes de extrema sabedoria, que os pesquisadores não-científicos vão decodificando ao longo do tempo e tornam mais acessível compreender pelo menos esta galáxia.

A Justiça é decorrente das leis que governam o mundo físico e das leis morais que normatizam o comportamento humano. São leis que emanaram da natureza essencial dessa energética força de potência e sabedoria incomensuráveis e indizíveis. A lei da Justiça está presente se considerarmos a reencarnação, a progressão natural do homem, governado pela lei da EVOLUÇÃO, que caminha do simples para o complexo, do imperfeito para o perfeito, e neste evoluir tem de sofrer as necessárias mutações, às vezes doloridas, é verdade, embora necessárias.

DEUS é uma palavra que talvez não expresse a essência desta fantástica e potente ENERGIA que está no tempo e no espaço do mundo.

– “*Até DEUS tem o seu inferno: o seu amor pelo homem*”, escreveu NIETZSCHE. O que ele quis dizer com isto?

- NIETZSCHE é um filósofo ácido. O homem é um ser complexo, e NIETZSCHE sempre sentiu dentro de si mesmo esta complexidade que, por certo, atormentaria *DEUS* e seria o seu “inferno”: amar um ser tão estranho. Lembra SARTRE: “O inferno são os outros!”

– *Quando nasce, o homem sabe que vai morrer, verdade imutável. A senhora tem medo da morte?*

- Não temo a morte, não sinto temor do que vai acontecer após o **ato de morrer**. Sei que tudo se transforma e que a vida é um contínuo processar de transformação, com sucessivas fases evolutivas. Em outra dimensão, por certo, eu não me encontrarei num céu, nem num inferno, mas apenas continuando a viver.

No entanto, temo morrer sozinha, sem o amor daqueles a quem amo muito. Gostaria de morrer falando com eles, não entubada numa UTI, sem poder dizer: “Eu sempre amei vocês com muito carinho. Perdoem-me se não fui como vocês gostariam”.

– *O escritor OTTO LARA REZENDE assim escreveu: “A morte é o clube mais aberto do mundo”. Como interpretar isto?*

- Não é bom interpretar um conceito sem contextualizá-lo. Não conheço o texto e posso equivocar-me. Acredito, porém, que ele quer focalizar a universalidade da morte, sabendo que é uma regra sem exceção. A porta da morte não é estreita: todos passarão por ela um dia...

– *MARK TWAIN explicitou numa conversa que preferiria o céu pelo clima, e o inferno pelos companheiros. O que pode levar alguém a pensar assim?*

- *MARK TWAIN* estava impregnado pelos conceitos tradicionais do céu e do inferno: o céu como um paraíso, e o inferno como o local de cobrança dos pecadores. Cer-

tamente, referiu-se à possível placidez de um local de contemplação eterna, o céu dos puros na visão cristã, e a um inferno onde encontraria os “pecadores” como ele, com quem desejaria interagir, o que seria mais divertido, menos monótono. Brincou, certamente, com esses conceitos tradicionais.

– *É possível um homem preparar-se serenamente para morrer?*

- Sim, é possível. Ao ser indagado sobre o que faria se soubesse que iria morrer naquele dia, *SÃO FRANCISCO* respondeu: “Eu continuaria capinando o meu jardim.”

Em Tanatologia, aprende-se como levar o paciente a aceitar a fase terminal de sua doença e morrer sem revolta ou negação. Vários psicólogos apresentam belos relatos sobre o assunto. *ELIZABETH KUBLER ROSS* tem livros notáveis sobre como morrer. Hoje se fala em educação para a morte. A musicoterapia atua em vários hospitais como parte da tanatologia.

– *Que imagina a senhora acontecer depois da morte?*

- Acredito que a essência da vida é energia, a que chamam **alma, espírito**, etc. Não importa o nome. É uma centelha da força energética do Universo que vive em nós e é percebida pelo todo. O homem, como um ser biopsicossocioespiritual, tem algo transcendental.

Na morte, o que é transcendental em nós, permanece. Há vários relatos sobre o mundo transcendental e acredito que cada um vai vivenciar, após a morte do corpo

físico, uma vida de acordo com o seu pensamento, as suas crenças e o seu grau de evolução.

É possível que os materialistas, após a morte, se sintam num vazio total, pois, como estão vivos mesmo sem o corpo físico, buscarão um caminho para prosseguir, pois a Lei da Evolução é a grande Lei do Universo. Todo o Universo é movimento e transformação.

* * *



Entrevista com o
Médico-cirurgião
Luiz Antônio Medeiros
de Oliveira

No início de 1971, fui convidado para ser Assessor Jurídico de uma das mais conceituadas clínicas médicas de Salvador, que reuniu, na época, uma plêiade de profissionais de Medicina da mais alta capacidade, referências nas suas especialidades. Estou me reportando ao ATEMDE, situado no bairro do Canela. A competência, dedicação, a luta desse grupo extraordinário para devolver a saúde aos pacientes ali internados e, em muitos casos, para não deixá-los morrer, era impressionante e sua história já deveria ter sido contada.

Como Advogado do ATEMDE aprendi muito com os Médicos, no campo da ética, da doação, da dignidade, do amor à profissão. O ambiente de trabalho gerava entusiasmo a todos e, às vezes, quando podia, eu gostava de com eles ficar no chamado “descanso médico”, embora local privativo.

Com o passar do tempo, conheci um extraordinário cirurgião, de excelente formação clínica, humano, atencioso, competente, Médico por vocação: Dr. *LUIZ MEDEIROS*.

Dr. *LUIZ* laborou ao lado do inesquecível cirurgião *AUGUSTO COIMBRA TEIXEIRA*, até pouco tempo. Dr. *AUGUSTO* partiu para outro plano, perda enorme para a Medicina baiana, deixando muita saudade. Emocionado, Dr. *MEDEIROS* o homenageou com belo artigo que intitulou “A Saga de um Cirurgião”, ressaltando momentos marcantes de sua vida.

Além do ATEMDE, Dr. *LUIZ* trabalhou em uma Casa onde havia muita dor, sofrimento e morte: o Pronto Socorro do Estado, precário, obsoleto, mas que contava com a garra e doação de profissionais da Medicina.

Por tudo isso, fiz questão de ouvi-lo e, na certeza de que não se negaria a prestar valiosa colaboração ao nosso projeto, característica marcante de sua vida, com ele mantive contato telefônico às vésperas do Natal. Achava-se em pleno trabalho, ainda no serviço público, quando expliquei as razões do meu chamado, de forma bem sucinta, de logo aceitas. Ainda conversamos um pouquinho, quando me disse que, por coincidência, havia até escrito um artigo sobre a morte.

Dr. *LUIZ* marcou encontro comigo, no início de 2010, em sua casa de Vilas do Atlântico, onde reside. Recebeu-me com a fidalguia de sempre e conversamos um pouco na varanda sobre vários assuntos, pois não nos víamos há algum tempo. Em seguida, entreguei-lhe questionário e ele me pediu tempo para responder por *e-mail*.

Certo dia fui avisado, para minha alegria, que já estavam no meu correio eletrônico as respostas que tanto esperava.

* * *

Os ensinamentos do Doutor

– *Dr. LUIZ, para o senhor, qual o sentido da vida?*

- A procura do sentido e do valor da vida encontra nuances na avaliação, desde quando temos que considerar nossa vida nos dois mundos, o exterior e o interior.

Na vida exterior valorizamos mais o que temos e representamos, do que o que somos. A maior parte da civilização contempla este mundo.

A vida interior (espiritual), principal representante da vida total, engloba a vida exterior, e a alma, produzindo uma atividade espiritual criadora que, mantida pela razão universal, base comum de todas as coisas, cria, em face da natureza entorpecida e da insignificante vida cotidiana, uma nova razão de viver, com domínio do espírito verdadeiro, belo e bom, colocando o ser humano em comunhão íntima com o universo, fazendo-o, desta forma, participar de sua plenitude e grandeza.

A tensão e magnitude causadas em nossa vida pela luta em busca da felicidade do indivíduo e da manutenção da vida espiritual em desenvolvimento caracterizam o real sentido e valor da vida.

– *O senhor vive emoções maiores, por ser Médico?*

- O Médico experimenta emoções desde que inicia a atividade universitária ao lidar com os cadáveres no aprendizado da Anatomia Humana, até o final de sua vida profissional, através da morte ou aposentadoria.

As maiores emoções estão na assistência direta prestada aos pacientes internados nos hospitais e, naqueles que procuram as unidades de urgência e emergência, quando

surtem complicações inesperadas e os familiares dificilmente aceitam o fato com racionalidade, gerando dificuldade no relacionamento com o Médico quanto à causa determinante.

Torna-se necessário dizer que também temos fortes emoções, quando cuidamos de pacientes que obtêm altas hospitalares, recebendo elogios e agradecimentos dos familiares, e então nos sentimos mais próximos de *DEUS*.

– *Como o senhor encara a reação emocional dos pacientes e seus familiares, diante da notícia de uma grave enfermidade, do sofrimento prolongado ou da própria morte?*

- Os pacientes e seus familiares, quando comunicados da existência de doenças graves, têm sempre resistência na aceitação imediata (negação). Procuram questionar o diagnóstico e os laudos dos exames, ao tempo que buscam culpados. Estes “são variados, desde a banana que comeu até a condução do caso pelo último Médico que consultou”.
- *Quando morre um paciente que o senhor está assistindo, procura, de logo, esquecer? Já se culpou por achar que poderia ter feito mais, seguindo um outro caminho, que talvez levasse a um resultado diferente?*
- Nenhum Médico deseja a morte de qualquer paciente, porém muitos casos são levados a êxito fatal independente de sua interferência pela própria evolução da doença e a baixa resistência do enfermo. Os profissionais responsáveis sempre se questionam se fizeram tudo que estava ao seu alcance.

– *Em frases isoladas, diga o que pensa sobre paixão, amor, beleza, mocidade, amizade, velhice, sofrimento e comiseração.*

- *PAIXÃO* – Corresponde ao desejo ardente e impetuoso de possuir determinada coisa. Tem como característica duração determinada.

AMOR E AMIZADE – Confundem-se em quase todos os aspectos, motivo pelo qual podem ser definidos em conjunto.

Na relação humana, aquilo que chamamos de amor está primitivamente ligado ao impulso natural e é muito superficial.

No decorrer da existência em comum, o que representava simples instrumento de prazer e satisfação transforma-se pouco a pouco até que cada membro adquire para o outro um valor especial, que leva a um sacrificar-se pelo outro.

BELEZA – A beleza é a forma sob a qual a inteligência prefere estudar o mundo. Há muitos tipos de beleza, como: a beleza da natureza, a beleza da fisionomia e da forma, a beleza das maneiras, a beleza da inteligência ou do método e a beleza moral ou da alma.

MOCIDADE – Período de vida entre a infância e a idade adulta, caracterizada pela irreverência, irreflexão, imprudência, onde o jovem acredita possuir livre arbítrio para fazer tudo que deseja.

VELHICE – Considerada no nosso meio quando a pessoa alcança 60 anos. Do ponto de vista antropológico é

difícil definir a velhice, desde quando a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem fator explicativo dos comportamentos humanos. Não é possível partir de estudos voltados às Ciências Médicas para delinear o que se chama velhice.

SOFRIMENTO – Sensação de experimentar sentimentos que conduzem à angustia, aflição, desespero, depressão e dor.

COMISERAÇÃO – Fato de ter pena, compaixão, dó e piedade das pessoas. Dependendo da situação pode ser considerado um ato virtuoso ou vicioso.

– *Acredita em DEUS? DEUS é justo? Será mesmo?*

- Quando verificamos e analisamos os fenômenos complexos da natureza, a exemplo da anatomia e fisiologia humana, o equilíbrio dos planetas no espaço, os cataclismos decorrentes da ação do homem na terra, sentimos a necessidade e a presença de *DEUS*, sem citar os momentos que somos atingidos por importantes agravos, onde os apoios da família e dos amigos não são suficientes para tranquilizar-nos. O *DEUS* que acredito, normalmente, não interfere na vida das pessoas, deixando-as por conta do livre arbítrio que lhes foi conferido e o destino que cada um traz ao nascer. A única Justiça real é a perpetrada a nível celestial através de penas e recompensas futuras.

– *Quando nasce, o homem sabe que vai morrer, verdade imutável. O senhor tem medo da morte, Dr. LUIZ? O Es-*

critor OTTO LARA DE REZENDE assim escreveu: “A morte é o clube mais aberto do mundo”. Como interpretar isso? MARK TWAIN explicitou numa conversa que preferiria o céu pelo clima, e o inferno pelos companheiros. O que pode levar alguém a pensar assim? É possível um homem preparar-se serenamente para morrer? Que o senhor imagina acontecer depois da morte?

- As questões sobre a morte, JUAREZ, eu as tratei no texto a seguir explicitado.

A palavra morte é oriunda do latim *mors*, antônima de *vita*, que deu origem a diversos vocábulos como: cadáver, defunto, finado, morto, etc.

Destas palavras é interessante ressaltar a etimologia de algumas como: **cadáver** – do latim *cadere* (cair), **defunto** – do latim *defunctu* (cumprir inteiramente), **morto** – do latim *mortuu* (morto, entorpecido).

Classificamos a morte de acordo com a sua ocorrência em: **Natural prevista ou esperada**, quando ocorre em pacientes portadores de patologias incuráveis. **Natural súbita**, provocada por doenças agudas; **Natural propriamente dita** quando ocorre em pessoas que alcançaram ou ultrapassaram a idade média de vida. **Violenta** quando ocorre nos acidentes, que pode ser prematura ou matura de acordo com a faixa etária da pessoa vitimada.

Apesar de estarmos na era da hipermodernidade, onde tudo se tornou “hiper”, hipermercado, hipercidade, hipercapitalismo, hiperconsumo, etc., também caracterizada pelo reino do excesso e do imediatismo, nosso comportamento em relação à **morte** não evoluiu.

A morte e o nascimento fazem parte de nossa existência, razão porque a morte não é uma inimiga a ser vencida, ou uma prisão de onde devemos escapar; na verdade ela dá significado à existência humana. Ao examinarmos a história das diversas religiões, verificamos que a ideia da morte constitui o núcleo de todos os credos, mitos e mistérios.

A **morte** continua sendo uma dialética ignorada, afastada e assustadora para uma sociedade que cultua a juventude e os prazeres da vida (*carpe diem*). Dos seres vivos, tudo faz crer que só a espécie humana tem consciência da sua própria morte, fato gerador de medo e conflitos mentais.

A morte exerceu e continua a exercer influência positiva na produção das artes (literárias, musicais, poéticas, dramatúrgicas, picturais, etc.), e na atitude moral dos seres humanos em geral. Considerada a maior Professora de grandes personalidades históricas como heróis, santos e mártires.

Graças a ela, a Medicina progrediu enormemente, a partir da **dissecção dos cadáveres**, procedimento responsável pelo conhecimento da Anatomia Humana, e das **necropsias**, fundamentais para estabelecermos as causas das mortes violentas e os diagnósticos das doenças antes ditas desconhecidas.

Devemos trabalhar para olhar e entender a morte de modo diferente, procurando incorporá-la na nossa vida de forma natural, não a considerando como um fato estranho a ser temido, e sim, como uma companhia esperada a qualquer instante, conscientizando-nos de nossa finitude e nossa limitação de tempo no planeta.

PHILIPPE ARIÈS e *MICHEL VOVELLE* estudaram as sensibilidades coletivas e atitudes diante da morte. O primeiro procurou explicação para as atitudes coletivas perante a morte no mundo ocidental.

O conceituado estudioso faz uma descrição dessa evolução, logo a seguir, descrita de forma concisa e didática.

A partir do século XII, a morte obteve maior dramaticidade e individualidade, caráter macabro. Com o século Barroco, a morte começou a ser dramatizada e exaltada, acompanhada de choros, gestos dramáticos e afetividades prolongadas nos cemitérios e túmulos individuais, com sensibilidades espíritas e espiritualistas do século (XIX).

Após a segunda metade do século XX em diante, a morte passou a ser camuflada, negada e escondida. Tornou-se vergonhosa, proibida, sendo banida do espaço familiar e doméstico, passando para as instituições hospitalares e técnicas.

Há grande dificuldade para aceitarmos a morte em virtude de nossa cultura na condução do processo. Desde a infância, procuramos afastar as crianças das pessoas que estão morrendo ou morreram, inculcando nelas um medo desnecessário. Com isso, crescemos evitando contato com a morte e os mortos, embora saibamos que a morte faz parte da vida.

Ao longo dos anos, verificamos que quando alguém morre num hospital, há uma pressa enorme no sentido de retirar logo o corpo, para afastar a evidência da morte, a fim de não chocar as pessoas. Acostumar com a

morte é difícil e continuará sendo, mesmo depois de aceitá-la como parte integrante da vida.

Uma das razões que torna a morte tão dura é o fato de a maioria das pessoas morrerem num hospital, onde os pacientes são despersonalizados, e, na maioria das vezes, suas necessidades sociopsicológicas não são supridas. Isso representa o fracasso da instituição no seu papel de apoio à vida. Nenhum tratamento médico supre a carência do espírito humano quando o corpo necessita de cuidados.

Várias afirmações são determinantes para aliviar a dor da separação, como a ressurreição do morto, a transferência das almas para plagas superiores, onde gozam do privilégio da isenção em relação às injustiças, perseguições, tentações, seduições, etc., com possibilidades de um reencontro futuro no plano celestial.

Seguramente, ninguém deseja separar-se da vida neste planeta deixando o convívio ao lado de seus parentes e amigos, por mais árdua que ela seja. A incerteza da vida pós-sepulcro e o afastamento definitivo de seus bens materiais apavoram as pessoas, com exceção daquelas que se prepararam para a morte, acreditando fielmente na imortalidade da alma.

A morte para aqueles que se vão e para os que ficam é completamente diferente. Após o desfecho, a separação da vida material fornece aos mortos grande serenidade, dando-lhes a aparência de quem está em sono profundo depois de um dia laborioso.

Ao contrário, os parentes e amigos perdem a serenidade, ficam ansiosos, buscam consolo, que se inicia com a

aceitação e enfrentamento da realidade. Durante o funeral procuram abarcar suas carências sociológicas, psicológicas e filosóficas.

O certo é que, quando perdemos um ente querido, sentimos uma sensação de vazio, somos possuídos por uma profunda tristeza e, durante certo período, lembramos constantemente do falecido, até que aos poucos vamos substituindo a sua ausência por um sentimento de saudade, apesar de todo conhecimento que temos sobre a morte.

O filósofo *PLATÃO* estudou o fenômeno da morte e concluiu: *“Ninguém sabe na verdade, se por acaso a morte não é o maior de todos os bens para o homem, e, entretanto todos a temem, como se soubessem, com certeza, que é o maior dos males.”*

Em relação ao destino do morto existem duas correntes antinômicas: uma afirma que tudo é finalizado com a interrupção das funções orgânicas e nenhum processo psíquico permanece separado da vida biológica (*RÉQUIEM AETERNAM*); a outra diz que o fim do corpo material não elimina a sobrevivência da energia anímica imperecível.

Conclusão – Nosso objetivo é ter apresentado um resumo sobre a morte, que nos acompanha no dia-a-dia, causadora de pavor e transtornos mentais.

Reiterando que a morte é ignorada, afastada e assustadora para nossa sociedade, estas informações dadas através de uma leitura rápida podem contribuir para tornar o fenômeno menos trágico e menos doloroso.

Embora tenhamos procurado não descrever, em detalhes, os aspectos peculiares de cada crença religiosa em relação ao pós-sepulcro, após analisarmos os fenômenos complexos da natureza, obtivemos a certeza de que existe vida depois da morte e que tornaremos a nascer um dia, para completar nossa evolução.

* * *



Entrevista com o
Engenheiro e Político
Sérgio Gaudenzi

Lembrei-me hoje do apagão aéreo no país, a maior crise da aviação civil brasileira, e de uma viagem que não fiz, embora quisesse tanto naquele momento.

Mas a vida é assim mesmo, e depois desses pensamentos terminei na varanda, onde gosto de tocar o trabalho de entrevistas que estou tentando elaborar.

Queria escolher um nome competente e que pudesse ter acesso. Com a lembrança do apagão aéreo foi fácil chegar a ele: Dr. *SÉRGIO GAUDENZI*, cujo nome constará da História do Brasil, por ter contribuído decisivamente para que o Governo *LULA* encontrasse uma solução político-técnica para vencer um dos mais delicados momentos do seu governo, pois a crise atingiu proporções gigantescas. Dr. *SÉRGIO* esteve na linha de frente e conseguiu devolver tranquilidade à nação, ao assumir a Presidência da Infraero.

Engenheiro Civil, diplomado pela Universidade Federal da Bahia, desde cedo engajou-se na política estudantil, participando ativamente da União dos Estudantes da Bahia – UEB, como Presidente e Membro do Conselho Nacional dos Estudantes – UNE, tendo sido Diretor e Vice-Presidente do Clube de Engenharia da Bahia.

Em decorrência de sua luta política foi eleito deputado estadual e federal pelo PMDB e PDT, respectivamente; hoje está vinculado ao PSB. Como legislador do Estado, Dr. *SÉRGIO* foi relator do projeto da nova Constituição do Estado da Bahia. Aqui não é lugar de falar sobre seu currículo, mas acho, prezado leitor, que pelo menos dessas informações você deveria ser lembrado ou tomar conhecimento.

Frise-se, ainda, que Dr. *SÉRGIO* foi Presidente da Agência Espacial Brasileira. Em recente participação de programa político, no SBT, através da afiliada TV ARATU, manifestou-se durante um bom período sobre a realidade nacional e respondeu aos questionamentos apresentados pelos telespectadores. Por tudo isso, foi que eu quis pedir a participação de Dr. *SÉRGIO GAUDENZI*, que conheceu nosso projeto e aceitou colaborar com o trabalho. Já tendo ultrapassado os sessenta anos, é casado com a *senhora ANA TEREZA*, pessoa especial, admirável, tendo com ela dois filhos, *LEONARDO* e *LEANDRO*. Fez-se apaixonado torcedor do Esporte Clube Vitória e, um dia, poderá ser seu presidente.

Como adiantei a linha da obra e algumas perguntas que gostaria que respondesse, ponderou que, a seu juízo, considerava prudente melhor examiná-las em seus momentos de folga, prometendo-me que retornaria via *e-mail*, o que fez com brevidade, depois de ter em mãos os questionários.

Vocês vão gostar, prezados leitores, das respostas inteligentes dadas às nossas indagações.

* * *

As respostas
inteligentes e comedidas
do Dr. Gaudenzi

– *Dr. SÉRGIO, para o senhor, qual o sentido da vida?*

- O sentido da vida é Viver. Fazer o bem. Participar. Contribuir para o aprimoramento das pessoas e instituições. Enfim buscar sempre um mundo melhor.

– *Homem culto e competente, como pode o senhor continuar ajudando a um país tão desigual como o Brasil?*

- Lutando pela redução da miséria, por uma maior igualdade entre as pessoas, criação de oportunidades para que todos alcancem uma vida decente, digna.

– *Qual foi a receita que o senhor utilizou para acabar com a mais grave crise na aviação civil brasileira, conhecida como apagão aéreo?*

- Convocando toda a empresa INFRAERO para um esforço conjunto. O diálogo ajudou a vencer a crise. A integração de todos os setores da empresa foi vital para se superar o apagão. Faltava a coesão em todos os setores. No momento em que o diálogo se fez presente, rapidamente se conseguiu contornar a crise e logo em seguida acenamos para a abertura do capital da empresa como forma mais moderna e eficiente de gestão de um conjunto de 67 aeroportos, quase 30 terminais de carga e algumas dezenas de estações de apoio ao voo. Um dado importante foi responder sempre à imprensa e deixar claro quais as culpas e erros de cada gestor: da INFRAERO, das COMPANHIAS AÉREAS, da ANAC e dos demais entes envolvidos. Passamos a publicar diariamente a movimentação dos aeroportos via *Internet*. Tendo assumido a empresa em crise no mês

de agosto, já em outubro, do mesmo ano, a imprensa não mais estampava o dístico Caos Aéreo. A INFRAERO tinha dominado o caos.

– *Qual o seu destino político? Voltaria ao Congresso Nacional?*

- Por ser um homem de Partido, cumpro as missões que me atribuem.

– *Em frases isoladas, diga o que pensa sobre paixão, amor, beleza, mocidade, amizade, velhice, sofrimento, comiseração.*

- Todos os substantivos aí colocados fazem parte da essência normal da existência. Eles existem em maior ou menor grau conforme as circunstâncias e fases da vida. Todos têm que ser vividos em função do momento, das circunstâncias e da fase da vida. Exemplificando: não se deve ser velho na mocidade e não ser sofredor, por estar na velhice. Enfim, viver o ciclo da vida intensamente.

– *O poder embriaga mesmo, como um dia afirmou ULISSES GUIMARÃES?*

- Depende. Algumas pessoas por muito pouco embriagam-se e pensam que a eles tudo é permitido. Os sensatos não costumam se embriagar e quando caem em alguma tentação dessa ordem, rapidamente, retornam a realidade.

– *O senhor subiu muito em palanques, utilizou-se de vários horários políticos para falar com o povo. Eleito, cumpriu as promessas ou as esqueceu?*

- O que eu prometi, eu cumpri. Aliás, exatamente por isso, recebo até hoje manifestação de apreço e amizade de colegas, eleitores e correligionários com os quais convivi politicamente, em períodos eleitorais, sobretudo, os que votaram em mim.

– O senhor teve uma atuação extraordinária no chamado apagão aéreo. Tudo resolvido com indescritível competência, tendo em seguida, deixado o Governo. Como se sente em não pertencer hoje, como era de esperar, ao primeiro escalão? São coisas do poder, do PT, de LULA ou de todos eles juntos?

- O apagão foi dominado com competência e muito trabalho da grande equipe da INFRAERO. Volto a repetir que sozinho ninguém poderia realizar uma tarefa daquela ordem. Eu coordenei uma excelente equipe. Deixei a INFRAERO, por vontade própria, quando senti que começavam a ocorrer ingerências externas, partidárias, com a clara intenção de privatizar os aeroportos rentáveis – cerca de 11 no máximo –, deixando os 56 restantes pendurados no Orçamento da União. Ora, sem a receita dos 11 aeroportos altamente rentáveis, para manter os demais aeroportos da rede aérea nacional, a INFRAERO passaria a disputar verbas com a Saúde, a Educação, a Segurança Pública e outras áreas de caráter social, as quais não possuem receita própria e somente podem receber recursos do disputado Orçamento da União. A INFRAERO, naquele instante do Apagão, tinha uma crise de gestão, mas não precisava de recursos do orçamento público. Tinha, inclusive, sobra de Caixa para

investimentos. Deixei a empresa, com um resultado financeiro positivo de mais de 300 milhões de reais (R\$300.000.000,00), no exercício 2008, após seguidos anos no Vermelho. Saí, por discordar da venda isolada dos aeroportos rentáveis. Saí convencido de que a empresa INFRAERO pode operar tranquilamente a rede, com resultado financeiro positivo e sem onerar os cofres públicos.

— Sua saída tímida depois de resolvido o apagão, quando poderia ter deixado sua eleição garantida para cargo legislativo ou mesmo executivo, como Governador do Estado da Bahia, nos autoriza pensar que já não é mais o mesmo SÉRGIO da UEB/UNE. O senhor já está perdendo o apetite pelo poder?

- Não houve saída tímida!!! Não fui para a INFRAERO para fazer ponte para cargos Legislativos ou Executivos. Cumpri uma tarefa que me foi confiada; e cumpri bem, com os meus Diretores — todos indicados por mim — os meus Gerentes, os Servidores da casa. Enfim, com toda a empresa. Continuo sendo o mesmo *SERGIO* da UEB/UNE. Fui candidato quando achei que deveria ser. Não almejo e nem acredito no Poder pelo Poder. Aceito encargos e já aceitei inúmeros, quando acho que posso construir alguma coisa. Se entender que devo retornar a disputa eleitoral, retornarei. Sou membro da Executiva Nacional do meu partido — PSB — o Partido Socialista Brasileiro e ocupo, no nosso Estado da Bahia, o cargo de Vice-Presidente da Direção estadual. Estarei sempre a disposição do meu Partido para ajudar nas tarefas que

sejam necessárias ao desenvolvimento da minha Cidade, do meu Estado e do meu País.

Participei do Governo *LULA* levado pelo então Presidente Nacional do PSB, o Dr. *MIGUELARRAES*, quando fui indicado, no ano de 2004, pelo Ministro da Ciência e Tecnologia, o Dr. *EDUARDO CAMPOS*, hoje Governador de Pernambuco, para presidir a Agência Espacial Brasileira – AEB, onde permaneci por 3 (três) anos. À época, a AEB vivia um momento terrível com a perda de 21 servidores, entre cientistas e técnicos, no acidente com o Veículo Lançador de Satélites. Foi a minha primeira tarefa, determinada pelo Partido, no Governo *LULA*, quando dei continuidade ao fortalecimento das políticas estratégicas para o Brasil desenvolver o seu Programa Espacial, culminando, entre tantos projetos, como sendo o de maior visibilidade a ida do 1º Astronauta Brasileiro ao espaço. De uma hora para outra, fui pinçado da Agência Espacial Brasileira para enfrentar o Caos Aéreo que se espalhara pelos aeroportos brasileiros. O resultado positivo desse enfrentamento foi gratificante para todos da empresa e para mim, também, em particular.

– *Acredita em DEUS? DEUS é justo? Será mesmo?*

- Acredito, sim, em *DEUS* e na sua infinita Justiça.

– *Quando nasce, o homem sabe que vai morrer, verdade imutável. O senhor tem medo da morte, Dr. SÉRGIO?*

- A morte é o Final de uma caminhada para um Novo reinício.

– *É possível um homem preparar-se serenamente para morrer?*

- Dificilmente alguém se prepara para a morte. Todos pensam sempre na Vida. Mas a grande sabedoria é que o caminho da vida é inexoravelmente o caminho da morte.

– *Que o senhor imagina acontecer depois da morte?*

- Se depender do que eu creio: “**UMA NOVA VIDA**”.

* * *

Juarez conversa
com Juarez

Dados sobre Juarez

O autor, *JUAREZ WANDERLEY*, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, diplomado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, em 10 de dezembro de 1968.

Ingressou muito jovem no Quadro da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB – Secção da Bahia, atuando na qualidade de *Solicitador Acadêmico*, a partir de 1966, figura que a Ordem resolveu extinguir.

Passou a integrar definitivamente o seu quadro, como Advogado, logo depois da diplomação, no Gabinete do então Diretor da Escola, o ilustre Jurista *ORLANDO GOMES DOS SANTOS*, sem qualquer festividade, tudo por causa da “Revolução de 1964”.

É bom dizer que o Advogado é indispensável à Administração da Justiça, sendo inviolável por seus atos e manifestações no exercício da profissão, nos limites da Lei e nos termos da Constituição, como se depreende do contido no bojo do seu artigo 133.

Deve também ser esclarecido ao leitor que a função social do Advogado é a sua marca maior. Ele realiza tal função quando concretiza a aplicação do Direito e não apenas da Lei, quando obtém a prestação jurisdicional e, com o seu saber especializado, participa da construção da Justiça Social, conforme observação feita por *PAULO LÔBO* no livro *O DIREITO ACHADO NA RUA*, de autoria de *JOSÉ GERALDO SOUZA JÚNIOR*.

Para que o leitor fixe bem o conceito expresso no magistério de *PEDRO NUNES*, Advogado é o profissional graduado em Direito, legalmente habilitado que orienta e esclarece juridicamente a quem o consulta e presta assistência, em Juízo ou fora dele, aos interesses da parte de quem é mandatário.

E conforme o Estatuto da Ordem, “Advogado é o bacharel em Direito, inscrito no quadro da OAB, que realiza as atividades de postulação ao Poder Judiciário, como representante judicial de seus clientes, e atividades de Consultoria e Assessoria em matérias jurídicas”.

O autor especializou-se em Direito Individual e Coletivo do Trabalho e é Pós-graduado em Teoria Geral do Processo.

Durante quase trinta anos, dedicou-se ao Serviço Público Municipal como Procurador Autárquico e integrou por muitos anos um dos maiores Escritórios de advocacia trabalhista do país, sob a titularidade do Mestre *JOSÉ MARTINS CATHARINO*.

JUAREZ WANDERLEY é sócio efetivo do IBDT – Instituto Bahiano de Direito do Trabalho, membro da ABAT – Associação Baiana dos Advogados Trabalhistas, ex-colaborador da Escola Superior de Advocacia da OAB, Diretor Jurídico do *ESPORTE CLUBE VITÓRIA*, por mais de 35 anos.

O autor é espiritualista. Acredita em *DEUS*, conversa com *ELE*, embora não o compreenda em algumas oportunidades, e tem muito medo da morte. Se pudesse, ficaria por aqui e continua acreditando numa reviravolta nesse sentido.

* * *

Algumas opiniões
sobre a entrevista do
Dr. André Barachísio Lisbôa

Estas primeiras observações que faço, quanto ao texto do Jurista *BARACHÍSIO LISBÔA*, têm como justificativa maior o fato de eu ter sido advogado.

- O ilustre Jurista, ao analisar a relação do Advogado com os clientes, foi bastante delicado e gentil como sempre.

Talvez, por ter iniciado a laborar muito cedo como solicitador acadêmico, figura já excluída do quadro da Ordem dos Advogados do Brasil, vivenciei intensamente problemas diversos com clientes, com os quais o profissional divide preocupações, emoções, ansiedades, medos, alegrias.

Interessei-me pelo assunto e gostaria de dar a minha opinião.

Entendo que a atividade do Advogado é altamente desgastante, pois são gigantescas as dificuldades que se erguem no exercício da profissão, principalmente ao derredor daqueles que, de alguma forma, participam dessa atividade.

Assim, não podemos deixar de lembrar como é difícil a interação entre Advogados, Juízes, serventuários da Justiça, clientes, etc.

Queria me fixar na relação entre Advogados e clientes e os problemas heterogêneos que, quando menos se espera, aparecem. É uma convivência difícil, principalmente porque ela é desgastante.

O ilustre *Psiquiatra DOMINGOS COUTINHO*, Mestre em Medicina e Professor de Psiquiatria da Universidade Federal da Bahia, afirmou:

atualmente o stress tem papel de destaque na vida das pessoas em todo o mundo. É a agres-

são ao organismo em sua totalidade, podendo ameaçar a sua existência por agente de qualquer natureza: emoção, eventos climáticos, choques, etc. (WANDERLEY, 2008).

Assinala ainda o Mestre que nos dias de hoje tem-se observado, em diversas ocupações, muitos fatores estressores, diminuindo drasticamente a qualidade de vida desses profissionais. Dentre outras, destaca a do Advogado.

Não foram poucas as vezes que ouvi causídicos queixarem-se da invasão de sua privacidade por parte do cliente, alguns perquirindo e até se intrometendo no seu *modus vivendi*.

Há relatos de que o cliente quer saber o que o Advogado vai fazer nos dias que antecedem as audiências, por exemplo, se costuma viajar ou não, se para longe ou para perto, se deixou instruções para ser substituído numa impossibilidade de retorno tempestivo.

Vou mais além: devassam o procedimento profissional do Advogado, querem saber se costuma ser pontual ou não, se demonstra preocupação com a causa que aceitou patrocinar, se aparenta abatimento em caso de insucesso, se tem bom relacionamento com colegas e Magistrados, etc.

Tive alguns clientes que cultivavam o hábito de telefonar na hora do almoço ou do jantar, ou do jogo do Vitória na televisão, para perguntar se estávamos lembrados da audiência, se não era bom adiantar o relógio, se precisava de mais esclarecimentos, mesmo quando pela manhã, no Escritório, tudo isso já havia sido visto.

E se você mandasse dar alguma justificativa para não atender a chamada, deixava de logo explicitado que voltaria a

ligar, indagando às vezes a que hora o seu Advogado costumava se deitar. Pedia desculpas pelo incômodo, mas se dizia ansioso, já que não estava acostumado a lidar com problemas judiciais.

O melhor mesmo era atendê-lo logo.

Enfim, a relação direta entre Advogado e cliente é difícil e se torna ainda mais complicada pelo estresse que domina as partes, principalmente em determinados momentos do processo ou quando está bem próximo o desfecho da questão. O cliente parece entender ser legítimo exercer o poder de polícia sobre o Advogado.

CALAMANDREI conta um episódio sobre a conduta de clientes, que tentaremos reproduzir, porque não há outro exemplo que possa substituir, tão significativo que é.

Conta o Mestre italiano que um grande civilista romano, certa vez, convidado por um cliente a defender causa no Tribunal de Apelação de uma cidade insular, chegou por mar dois dias antes do julgamento, com a esperança de poder conceder-se (como raramente lhe acontecia) um dia de solidão e de repouso; e também, pois era verão, um pouco de refrigério na praia.

Mas, ao desembarcar, o cliente o aguardava, vestido de preto e com o semblante grave, para hospedá-lo em sua casa. O Advogado teve de gastar muita energia para explicar que já reservara um quarto num hotel e que, para repassar em paz a causa, precisava estar só. Por fim, muito contrariado, o cliente resignou-se a acompanhá-lo ao hotel, mas ficou de guarda sentado ao lado da entrada. E, cada vez que

o Advogado aparecia na escada, via lá na ante-sala aquela sombra negra, que se erguia e lhe fazia reverência.

No fim da tarde, o Advogado saiu do hotel para tomar banho na praia próxima da cidade. O cliente intuiu sua intenção, rogou-lhe que não o fizesse, e seguiu-o pelo caminho: explicou-lhe em grande agitação que era uma praia perigosa, batida pelo vento, cheia de correntes traiçoeiras. O Advogado tomou um carro de praça; o cliente, sem lhe pedir permissão, pôs-se a seu lado.

Chegados ao lugar, o Advogado meteu-se numa cabine e se trancou; saiu inesperadamente de calção, correndo velozmente para a praia.

O outro, implacavelmente vestido de preto, perseguiu-o até a beira das ondas: “Advogado, Senhor, Excelência... Por caridade, não faça loucuras, não vá longe, não se afaste. Cuidado com as correntes, cuidado com os buracos. Talvez não tenha feito a digestão direito... Cuidado com a congestão. Não mergulhe.”

O Advogado mergulhou e começou a nadar.

Então o homem de preto perdeu a cabeça; começou a agitar os braços, a gritar, chorando copiosamente e chamando as pessoas: “Socorro, socorro! Ele está se afogando, gente! Afogou-se! Não estão vendo que se afogou? Está perdido! Pobre de mim, socorro, mas quem está perdido sou eu! Socorro, minha causa está perdida.”

Parecia uma mãe desesperada por seu filho em perigo. Os banhistas acudiram. O Advogado de tanto ser puxado estava quase nu e, irritadíssimo, saiu da água como uma fera, tor-

nou a vestir-se, voltou ao hotel, trancou-se no quarto e “deu cinco voltas na fechadura da porta”.

E o cliente vestido de preto, agora achando que ele podia morrer pelo esforço feito, enxugando o suor, na portaria berrava: “Você é pago para defender-me, não para tomar banho de mar: primeiro defenda-me, depois se afogue e morra, miserável.”

- Outra resposta que me chamou a atenção foi a que Dr. *ANDRÉ* deu em relação ao Magistrado cliente. Surpreendeu-me, mas fico feliz em saber que o ilustre Doutor teve um Juiz como seu cliente e que não lhe trouxe qualquer problema. Ao contrário, o ajudou.

Na verdade, os Advogados não gostam de ter Magistrados como clientes.

A interferência acontece sem querer. No fundo, o Juiz gostaria mesmo era de se defender e é até aceitável que isso aconteça. O certo é que é difícil contê-lo.

“A mais grave desgraça que pode acontecer a um Advogado é ter como cliente um Magistrado, que a ele recorre para ser defendido numa causa própria”, como escreveu *CALAMANDREI*.

É sempre incômodo para o defensor dar com o cliente que se gaba de conhecer os códigos.

Para o Advogado, na verdade, o Magistrado, quando cliente, é desconcertante. Em audiência, está acostumado a sempre se inclinar diante da opinião do Juiz; no dissenso entre o Advogado e o Juiz, a opinião que passa em julgado é a do Juiz,

não a do Advogado. Por isso é raro que o Magistrado, quando se torna litigante em causa própria, pense no velho aforismo *nemo iudex in re sua intelligitur* (ninguém pode julgar em causa própria) e, aceitando ser contraditado ou aconselhado, renuncie ao privilégio inebriante (embora, a longo prazo, perigoso) de sempre ter razão.

- Mais uma resposta que gostaria de comentar é aquela relacionada com a verdade e a mentira constantes do processo.

Gosto do Direito e tenho uma visão romântica da Justiça. Empolga-me a força do Judiciário, mas ainda não consegui assimilar e aceitar que o Advogado, no processo, possa fazer o branco virar preto e vice-versa, influenciando na decisão do Magistrado, a ponto de afastá-lo da Justiça. Isso me angustia.

O processo deveria estar cercado de antivírus para impedir que o Advogado perturbe a serenidade do Magistrado e o faça desviar-se da boa aplicação autoritativa do Direito e da Justiça.

O que há no processo, com essa mudança de cor, é que a verdade é falseada.

O padre *ANTÔNIO VIEIRA* nos chama a atenção de que a verdade é filha legítima da Justiça, porque a Justiça dá a cada um o que é seu, e isto é o que faz e o que diz a verdade, ao contrário da mentira.

KANT enxerga na mentira, qualquer mentira, um aniquilamento da dignidade humana: “A mentira, ou vos tira o que tendes ou vos dá o que não tendes, ou vos rouba ou vos condena.”

JAVÉ abomina os lábios mentirosos, pois “a mentira é uma nódoa na conduta humana”, com o agravante de que “a infâmia do mentiroso o acompanha sem cessar”.

SANTO AGOSTINHO não aceita qualquer justificação para a mentira.

DEUS proíbe todos os tipos de mentira e os mentirosos põem em perigo suas almas imortais.

Considero ainda a mentira condenável, pois o dom da palavra foi concedido ao homem para transmitir os seus pensamentos a outros homens e não para enganá-los, mas há aqueles que assim não pensam exatamente. *“Quando um comandante, notando que falta coragem aos seus soldados, enganando-os e dizendo que tropas de reserva estão para chegar, infundindo-lhes, com esta mentira, renovada coragem, de que lado haveremos de colocar este tipo de engodo?”*

O processo, na verdade, está cheio de verdades e mentiras.

ARISTÓTELES diz que a verdade é nobre e merecedora de aplausos e a mentira é vil, repreensível.

GROCCIO aceita a mentira, tendo em vista a utilidade comum e entende que é lícito mentir ao inimigo.

No TALMUD (judaico) o mau uso do dom da palavra é objeto de advertências, equiparando a mentira à pior forma de roubo: “Existem sete classes de ladrões e a primeira é daquelas que roubam a mente de seus semelhantes através de palavras mentirosas.”

CÍCERO condena tanto o dano causado pela força do leão quanto o causado pela astúcia da raposa, ou seja, a violência do leão e a mentira da raposa.

Entendo que o processo deve ser limpo, somente verdades, uma utopia.

Quando penso que um Advogado necessita faltar com a verdade para ganhar uma causa, me dá um grande abatimento físico e também moral, o que muito me angustia.

Assim, caro leitor, ingressei na entrevista do Dr. *ANDRÉ*, mesmo sem ser convidado, mas grande era o meu desejo de fazer essas pequenas observações.

No mais, é reconhecer o belo texto que escreveu e deliciarmo-nos pelo seu equilíbrio, ética, competência e lucidez.

* * *

Algumas opiniões
sobre a entrevista do
Dr. Domingos Macêdo Coutinho

Lendo o texto do Professor *DOMINGOS COUTINHO*, não pude conter a vontade de comentar algumas assertivas feitas pelo ilustre Psiquiatra.

- Apesar de explicar, em síntese apertada, o que era a Psiquiatria, o fez, todavia, de forma clara e segura. Caberá aos estudiosos se debruçarem sobre as suas palavras.

Minha intervenção, porém, prezado leitor, deve-se principalmente à afirmação feita pelo conceituado Médico de que abandonaria a prática psiquiátrica quando deixasse de se emocionar com o sofrimento dos seus pacientes.

Sou testemunha de que o Dr. *COUTINHO*, desde a primeira consulta com o paciente, tudo faz para passar-lhe segurança, tranquilidade, paz e transmitir-lhe a sensação de que não está sozinho a partir daquele momento. Para tanto, chega a fornecer todos os seus telefones pessoais, não deixando sequer uma ligação sem resposta.

Doutor *COUTINHO*, além de tratar seus pacientes com extrema competência, o faz também com uma ternura indescritível, parecendo com ele sofrer, embora rigoroso em algumas oportunidades.

Noite ou dia, domingo ou feriado, cedo ou tarde, o Professor *DOMINGOS* não nega o socorro pedido, amenizando de alguma maneira as dores dos seus pacientes.

O renomado Médico leva uma vida dura, às vezes fortemente extenuante, como confessa, e da qual sou testemunha, porém nunca monótona ou tediosa.

Desde os dezoito anos de idade, que frequento consultórios psiquiátricos na tentativa de amenizar sofrimentos e, com

tal autoridade, caro leitor, certifico e dou fé que Dr. *DOMINGOS COUTINHO* é um extraordinário Médico, que sabe cuidar como ninguém dos seus pacientes.

- Em outro trecho da resposta aos nossos questionamentos, admite que não tem posição firmada sobre a morte, pois com ela mantém uma relação ambígua; às vezes finge ignorá-la; noutras, a encara como etapa de um ciclo vital a ser cumprido, uma sequência natural.

Abjura a ideia de reencarnação, embora esta em alguns momentos, possa lhe trazer mais conforto.

Dr. *COUTINHO* não demonstrou no seu texto, a meu juízo, a inexistência de seu medo da morte, mas confessa que não teme o Juízo Final, talvez por acreditar na infinita misericórdia divina.

O ilustre psiquiatra aborda a morte de uma forma que nos autoriza a considerar o medo, que ela impõe, como uma das principais causas das terríveis enfermidades psíquicas. Sou mais enfático do que o Professor Domingos e entendo ser a mais importante.

Feitos estes registros, cabe ao leitor extrair o que de profundo contém no texto do estimado Mestre.

* * *

Algumas opiniões
sobre a entrevista da Educadora
Leda Jesuino dos Santos

Já não estou na idade e em condições de experimentar emoções, principalmente aquelas que conseguem mexer com o coração e a alma.

A Professora *LEDA* me encaminhou extraordinário texto em que responde a todos os questionamentos feitos. Além de sua beleza, veio precedido de uma cartinha que me dirigiu com muita ternura, chamando-me de “meu querido *JUAREZ*”.

Por mais que me esforce, caro leitor, não consigo traduzir a alegria e a emoção sentidas, chegando a pensar que tinha voltado no tempo e estudava ainda no inesquecível Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (à época não tinha o termo Federal).

As imagens que povoaram minha mente me transformaram num menino feliz, igualzinho àquele que recebe do papai “algodão doce”.

Sem querer, estava mergulhado no passado de minha feliz adolescência, revivendo momentos que me pertencem, imagens que o tempo não conseguiu apagar.

Enfim, depois de dizer coisas lindas em sua cartinha tão amorosa, a Professora *LEDA* fez questão de enfatizar que “sofreu as necessárias transformações que a vida impõe”, e concluiu, salientando “que este sal costuma às vezes absorver a doçura e temperar a monotonia do cotidiano” e que, talvez por isso, não saberia afirmar se continuava sendo a minha “doce Diretora”.

Senti, mais uma vez, que continua como antes, com a mesma doçura aos oitenta e seis anos de idade.

Muito obrigada, querida Mestra e amiga, pelo conteúdo de sua mensagem, que alegrou tanto o coração, fazendo crer que *DEUS* sempre me ajuda quando estou precisando.

Dito isto, gostaria de fazer breves comentários sobre três respostas dadas aos questionamentos formulados, quando a Professora demonstra o seu notável saber em diversos ramos do conhecimento.

- Quando se manifestou sobre o que significaria para si o Colégio de Aplicação, poderia ela escrever folhas e folhas sobre o assunto, mas conseguiu com a sua incrível capacidade de síntese dizer que o Aplicação revolucionou a complexa área pedagógica na metade do século.

“O Colégio de Aplicação representa uma passagem enriquecedora, uma oportunidade de aprender a pensar, refletir e analisar e ter uma leitura crítica do mundo de sua época.” Acrescenta com muita propriedade que a emociona sentir que “o Aplicação permanece na mente dos que o criticam e no coração dos que o amam”.

Como ex-aluno (ali fiz os cursos ginásial e colegial, assim denominados naquela época), posso e devo confirmar que respiramos um novo ar e sentimos que novas formas de educar foram utilizadas.

O Colégio nos ofereceu realmente instrumentos indispensáveis para “aprender a pensar”, “aprender a desaprender” com reflexão crítica e capacidade de analisar e escolher um novo caminho.

A Professora poderia também ter afirmado, sem medo de errar, que é impressionante constatar ainda hoje como o Apli-

cação influenciou na formação de uma geração, fazendo com que ela acreditasse na paz, no amor, na verdade e na vida.

Não seria demais ainda a Professora informar que o Aplicação foi uma casa formadora de amigos, pois a sua Direção e Professores já sabiam, muito antes de ser escrito no poema de *MILTON NASCIMENTO*, que se transformou em uma das mais belas páginas da música popular brasileira, que “amigo é coisa para se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração”.

Ademais, o Aplicação desenvolveu como ninguém uma série de atividades extraclasse regulares, de caráter socioeducativo: reuniões festivas, congressos, participação em Olimpíadas, tudo bem organizado e planejado.

Aos quinze anos de idade fazia parte de uma turma, a famosa quarta série de 1960, que elaborou trabalho encaminhado às autoridades federais visando conhecer Brasília.

Orientados por Professores integrados e interessados, os alunos trabalharam com as chamadas palavras cruzadas, usando a figura de uma das colunas do Palácio da Alvorada, e formando o nome Brasília, em vários sentidos.

Sob a direção e acompanhamento da Professora *LEDA*, a famosa quarta série assistiu Brasília nascer, pisou no seu solo, respirou o seu ar e conheceu os seus primeiros habitantes.

Lá se viveram momentos inesquecíveis, divertidos, se aprendeu e se conversou sobre coisas da maior importância, como já salientamos.

Os alunos do Aplicação não conseguem dele se esquecer e são eternamente gratos a tudo isso. Sempre que surge oportunidade, não se abre mão de alardear com orgulho, emoção e sorriso, a beleza daquele colégio experimental que deu certo, tornando-se um mito. A vaidade se faz presente quando alguém indaga, até por curiosidade: “Você foi aluno do Aplicação?”

- Com relação à rigidez que alguns alunos apontam como ponto negativo do Colégio, a Professora *LEDA* enfrenta o problema e dá explicações pertinentes e convincentes.

O que ela diz, a bem da verdade, é que da Direção tudo se exigia, já que o Aplicação era um Colégio experimental, com a incumbência de lançar novos métodos e atender à Congregação da Faculdade de Filosofia, repleta de “Referências”. A ideia da Congregação era conseguir disciplina + produtividade + eficiência + eficácia.

Esta é a resposta dada pela Professora, mas gostaria de registrar que a maioria dos estudantes não pensa assim. Numa comunidade democrática as divergências são saudáveis e cada um tem a liberdade de expressar a sua opinião.

Mesmo respondendo a essa minoria, que vem a ser rigidez?

Rigidez significa dureza, intransigência, severidade, rigor, como ensina *SÉRGIO XIMENES*, no seu *MINIDICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA*.

Isso acontecia realmente no Colégio de Aplicação?

Por amor a verdade, tem-se que dizer “Não!”. Desafia-se um crítico a citar um ato duro de sua Direção, um exemplo de sua intransigência, uma conduta que represente severidade.

Com isso não se quer dizer que o Colégio não tivesse suas normas, necessárias para a convivência humana, mas sempre eram estas baseadas no equilíbrio e na sensatez.

Equívocos ocorreram, certamente devidos à fatigante missão de educar.

Algumas normas eram mais cobradas e acertadamente. Existia uma inegociável, que proibia os adolescentes fumarem. Seria criminoso permitir um menino de doze, treze anos fumar, sabendo-se desde então que padeceria dos tantos males que o fumo traz para o organismo humano. Hoje a Medicina luta desesperadamente para combater o fumo.

Outra posição firme da Escola era contra a fraude. A sua Direção entendia que o aluno que “pescava” nos exames atentava contra princípios ético-morais.

A “pesca” no Aplicação era considerada conduta que feria não só esses princípios, mas violentava aqueles que estudavam e cumpriam com os seus deveres.

Aceitar o instituto da pesca seria abrir caminho para que o aluno se tornasse um desonesto em todos os sentidos, o que não era bom para ele nem para a comunidade.

Assim, o Colégio foi dirigido democraticamente, mas com regras que deveriam ser observadas.

Garanto que os alunos ganharam muito e aperfeiçoaram a sua conduta, sendo estimulados a cultivar a dignidade e a honradez.

- Com relação a outra resposta da Professora *LEDA*, o único ponto que peço vênia para discordar é sobre a possibilidade de um homem preparar-se serenamente para morrer.

A meu juízo, os homens não têm vontade ou planos de aceitar a morte, principalmente no instante crucial da partida, como ponderou o querido primo *RODOLFO CARVALHO*, Mestre em Física, com trabalhos apresentados, inclusive em Universidades americanas. A morte é um transtorno intrínseco à própria condição humana.

A dificuldade de preparação para morrer não é simplesmente de ordem cultural, mas passa também pela constituição genética de cada ser humano.

- Deste modo, caro leitor, lendo, aprendendo e refletindo sobre o que pensa a Professora *LEDA* e observando o seu notável conhecimento, você pode verificar o quanto fomos, seus alunos, ajudados na vida, pois recebemos a educação fundamental, toda ela sob a supervisão dessa notável Mestra, por sete anos, na adolescência.

O texto sobre a mocidade e a velhice umedece os olhos depois de ser lido e merecia ser conhecido por todos ainda quando bem jovens.

Acredito que se o adolescente, no auge dos anos dourados, isso lesse e fizesse uma reflexão sobre a bela mensagem o mundo poderia ser bem melhor.

Algumas opiniões
sobre a entrevista do
Dr. Luiz Antônio Medeiros
de Oliveira

Desejei fazer algumas observações sobre a bela entrevista do Médico-cirurgião *LUIZ MEDEIROS*, depois de ler, por mais de uma vez, as respostas dadas aos nossos questionamentos sobre a “morte”.

- Dr. *LUIZ* começa o seu texto, no particular, explicando a origem da palavra morte. Continua dizendo que a “morte” e o nascimento fazem parte de nossa existência porque a morte não é uma “inimiga” a ser vencida, ou a prisão de onde devemos escapar; que não a temamos, que a vejamos como uma companhia esperada a qualquer momento.

Foco de forma diferente. Tenho uma ideia muito nítida sobre a morte, pois a considero minha maior inimiga. Não gosto dela ou, para ser mais preciso, abomino-a.

É certo que as respostas do Dr. *LUIZ* estão respaldadas na sua fé, pois acredita em *DEUS*, é espírita e crê firmemente na reencarnação.

Para mim, se a morte pudesse ser comparada a uma prisão, não tenho dúvida em dizer que, se estivesse enclausurado, tudo faria para sair.

- Gostaria, ainda, de explicitar um desdobramento do tema, que considero bem importante: o direito que tem a pessoa de não querer saber que vai morrer.

Há pessoas que não querem nem podem ter essa informação. É um direito legítimo que devemos respeitar.

Há pacientes que comunicam isso através do seu silêncio, de ausência de perguntas e de condutas vazias. Outros se expressam abertamente, assim: “Não me contem nada”, “Já sei o que tenho e não quero saber mais”.

Enfim, não conseguirei nem tenho vontade ou planos de aceitar a morte como integrante de minha vida. Diante dela, algo desconhecido, pleno de incertezas do que virá depois, do processo em si de morrer, do instante crucial da partida, lutarei para continuar somente pensando na vida. Considero, porém, que esta só tem valor com lucidez e sem sofrimento permanente.

Se alguém me perguntasse se tenho medo da morte, eu responderia: “Sim, morro de medo!”

O medo da finitude para muitos, como me chamou a atenção o competente Engenheiro Civil e Professor de Física, *RODOLFO CARVALHO*, meu querido primo da Barra, como o chamo carinhosamente, reitero, é um transtorno intrínseco à própria condição humana, mesmo para aqueles que, como ele, creem no *DEUS* bíblico. Acrescenta que já presenciou relatos carregados de angústia daqueles que se preocupam para onde irão. “Haverá algo eterno, que não seja apenas matéria e energia?” – questiona.

E complementa: “Curiosamente, porém, existem pessoas que não crêem no *DEUS* bíblico e que não fazem esse tipo de reflexão. Pelo menos, aparentemente, essas não mostram receio algum da morte, acreditando, sem responsabilidade maior, que a reflexão e a angústia em torno dessa temática não seria simplesmente cultural, pois passa também pela constituição genética de cada ser humano. Alguns se angustiam mais, outros menos, e isso pode, ou não, estar associado a crenças.”

Feitas estas observações sobre as respostas da entrevista do ilustre Médico, resta-nos somente admirar o brilhantismo do texto do conceituado cirurgião.

Algumas opiniões
sobre a entrevista do
Dr. Sérgio Gaudenzi

Gostaria de me pronunciar sobre duas respostas dadas, em bela e esclarecedora entrevista concedida por Dr. *SÉRGIO*, a quem dedico todo respeito e carinho, extensivos a sua família.

- A primeira delas, em relação a sua saída “tímida” da administração do governo *LULA*.

Parece-me que não deveria haver formulado a indagação nestes termos, principalmente porque não me fiz entender, ou ainda fui inábil, pois poderia questionar outros aspectos de sua administração, eliminando esta pergunta.

A lealdade e a coragem são características minhas, Dr. *GAUDENZI*. Eu entendia, como todo o povo brasileiro, que sua atuação brilhante na qualidade de Administrador Público em momento difícilimo da vida nacional – o “apagão aéreo”, não permitia a sua saída do Governo.

O que pretendi dizer, Dr. *GAUDENZI*, é que a sociedade brasileira não poderia visualizar a sua saída da Infraero, principalmente naquele momento.

Assim, dirimindo qualquer dúvida sobre a intenção do questionamento, gostaria de ratificar que continuo a entender como notável, durante a crise, a sua gestão, que beneficiou ricos e pobres, e toda nossa sofrida gente.

- Também, ao formular uma outra questão, em momento algum quis sugerir que o senhor deveria se aproveitar do poder para fazer uma “ponte”, visando galgar um cargo no Legislativo ou Executivo. No particular, foi sua esplêndida atuação como administrador público, competente e sério, que de logo me motivou a saber qual o seu destino político, pois seria uma honra para a sociedade brasileira tê-lo como integrante do nosso Legislativo ou Executivo.

- Com relação à sua resposta, em que explicita as razões de sua saída da Infraero, agora passo a entender melhor a situação. Na verdade, tais razões parecem não ser do conhecimento pleno da sociedade brasileira.

Se o senhor entendeu que deveria deixar a instituição por vontade própria, pelas razões declinadas, demonstrou desprendimento em não se apegar, mesmo vitorioso, a qualquer cargo público, coisa rara entre os nossos políticos. Para este autor, nenhuma novidade, pois o conheço desde a juventude, líder brilhante e sério, com vida pessoal invejável.

- Por fim manifesto meu desejo que volte à vida pública logo, porque afirmou continuar sendo o mesmo *GAUDENZI*, guerreiro dos tempos da UEB / UNE, o que é a expressão da verdade.

* * *

ANEXOS

JUSTIFICATIVA

Quando imaginei elaborar este trabalho de entrevistas, pensava que iria contatar um universo maior de pessoas, fazendo a cada uma apenas dois ou três questionamentos.

Tive muitas dificuldades nos primeiros encontros, já que a maioria dos futuros entrevistados aceitava emprestar colaboração para o êxito do trabalho, mas condicionava sua participação ao direito de escolher as perguntas que gostariam de responder.

Os entendimentos não caminharam como eu imaginara e, a partir de certo momento, depois de muito pensar e trocar ideias com amigos, especialmente *ERIDAN PASSOS*, que conheci aos dez anos de idade, intelectual, poetisa, escritora, que estuda filosofia, resolvi modificar o plano inicial e tentar fazer um trabalho diferente.

A mudança de rumo foi sugerida por *ERIDAN*, vinda do Rio de Janeiro, onde reside, para comigo discutir o assunto. Que prestígio!... mas eu sei que ela gosta muito de mim.

Depois dessa reunião, quando, debatemos, trocamos ideias por mais de cinco horas, isto sem falar do tempo que lhe roubei com telefonemas, a solução ficou praticamente equacionada, sujeito a pequenos ajustes.

E depois de muito amadurecer, escolhi criteriosamente cinco pessoas estudiosas, competentes, brilhantes, que

se comprometeram a colaborar com o trabalho e enfrentar as questões postas, por inteiro, sem tirar nem pôr, sendo assim formado um grupo que nomeiei de *G5*.

Desse modo, com o *G5*, comecei a fazer as entrevistas e, como acertado, todos eles entenderam melhor emitir posteriormente suas opiniões, por escrito, respondendo, via *e-mail*, às questões que consideraram, segundo manifestação verbal, bem elaboradas, envolvendo temas complexos. Reafirmaram ainda que as perguntas não poderiam ser respondidas com a brevidade que eu desejava, pois exigiam reflexões e estudos. Que eu aguardasse, pois.

E assim foi.

Entretanto, durante a realização do trabalho, cheguei à conclusão de que, quando se idealiza uma obra, se deve ter em mente que esta não é algo estático, mas dinâmico, podendo sofrer modificações, embora suas linhas mestras já estejam de logo traçadas.

Eu havia decidido elaborar os questionamentos das entrevistas, como entendia ser mais interessante, e transcrever os textos na íntegra, para que o leitor conhecesse melhor o pensamento dos entrevistados, o que constituiria a primeira parte do trabalho.

Depois disso, haveria uma intervenção do autor, que deixava de ser apenas o seu organizador para também do trabalho participar, emitindo algumas opiniões. E assim foi feito, constituindo-se na segunda parte do livro. Achei, porém, que estava faltando alguma coisa.

Certa noite, na casa da Professora *LEDA JESUINO DOS SANTOS*, que me convidou gentilmente para lá voltar, con-

versar e tirar dúvidas, recebi material relativo a um curso de Tanatologia, com explicações detalhadas, objetivas, tempo de duração, metodologia. Isto me fez pensar em concluir o trabalho com uma terceira parte, que denominei de *ANEXOS*, cuja finalidade era acrescentar algo importante e indispensável ao que já tinha sido feito.

Assim o trabalho ficou estruturado.

Decidido isso, comecei a buscar o título do livro.

“Eu conversei com eles”, estaria bom?

Durante aula particular de espanhol que me é dada, para que possa gastar melhor meu tempo, conversei com minha Professora *CAROLINA*, excepcional Mestra, mas temperamental como parecem ser as argentinas, de um modo geral, embora carinhosa, quando quer, e muito bonita em qualquer circunstância.

Ela, de imediato, formulou uma crítica: “Na minha opinião, *JUAREZ*, você deveria *cambiar* o nome, pois Eles são os mais importantes, no caso. Acho que ficaria melhor: *ELES ME CONTARAM*.”

E assim ficou, pois comprei a ideia na hora. Destarte, foi escolhido o nome definitivo do livro com a ajuda de *CAROL JURA*, meu filho querido, sugeriu que fossem colocadas reticências ao final.

* * *

AS DORES E OS AMORES DO CORAÇÃO

*O coração tem razões
que a própria razão desconhece.*

Blaise Pascal

Elas são muitas. Colocam obstáculos a vencer e tornam a nossa trilha existencial um caminho espinhoso e difícil de percorrer. Eles, os amores, são poucos, mas necessários. Sempre nos envolvem em suaves perfumes naturais, que amenizam os amargores do percurso.

Elas, as dores, são constantes. Acompanham de muito perto as nossas emoções e, às vezes, nos constroem. Eles, os amores, são poucos, porém, às vezes, tão intensos que nos sufocam de alegria e de sentimentos enaltecidos e profundos.

As dores e os amores do coração significam tudo que de mais forte acontece em nossas vidas, uma vez que estão ligados, mais do que isto, estão imantados em nossa trilha existencial.

Dores e amores, elementos constitutivos do nosso viver, representam o cerne de nossas ações e definem os passos que damos em busca do bem-estar subjetivo, ou seja, da nossa felicidade pessoal e intransferível.

De dores e amores do coração, são feitos os nossos desejos mais intensos e, talvez, os mais fortes, oriundos do profundo de nosso ser.

No entanto, se o nosso olhar for mais profundo, muitos dos nossos amores estão eivados de dores abençoadas, que nos glorificam e engrandecem.

As Dores do parto da mulher, que sofre e grita num angustiante sofrimento no leito, esperando um filho, estão todas imbricadas em um dos mais lídimos amores do ser humano: o Amor materno.

As Dores que, muitas vezes, sufocam o homem no seu leito de morte, estão todas envolvidas nos amores que tornaram a sua vida digna de ser vivida: o Amor à vida.

As Dores que sentem as crianças quando sofrem a ausência de seus pais são expressões do Amor filial.

As Dores do cientista, em constantes pesquisas laboratoriais para encontrar o que ansiosamente busca, estão envolvidas em um dos mais fortes amores: o Amor à ciência.

As Dores de *JESUS* no Calvário estão mescladas com o seu inequívoco Amor à humanidade que O crucificou.

As Dores da mulher adúltera, ao ser apedrejada, foram logo contaminadas pelo divino Amor de *JESUS*, que a perdoou.

As Dores de *MARIA*, ao ver o sofrimento de *JESUS*, estão mescladas pela glória da ressurreição: o Amor maternal.

As Dores de *TERESA DE CALCUTÁ*, enfrentando preconceitos hinduístas e obstáculos, carregam no seu íntimo o Amor ao “outro”.

As Dores de *GANDHI*, ao ver o sofrimento da Índia, estão conjugadas ao seu poderoso Amor à pátria.

As Dores ignoradas do homem pobre que, enfrentando as intempéries da natureza, prossegue como pedreiro, marceneiro, operário braçal, estão vinculadas ao Amor familiar, sentindo o dever de cuidar de sua prole.

As Dores de *ALBERT SCHWEITZER*, em plena África, amenizando o sofrimento de seus doentes, expressam o seu inequívoco Amor ao ser humano sofrido e carente.

As Dores do escultor, diante da pedra dura, no supremo esforço de atingir a perfeição, abrigam, no seu coração, o Amor a sua arte.

A Dor que sente a bailarina que, na ansiedade incontida de realizar no palco os mágicos passos do balé, danifica o seu corpo, mas traz, dentro de si, o Amor à dança.

As Dores do poeta, para registrar no papel suas emoções, têm raízes no Amor incontido à poesia.

A Dor do cirurgião que, no centro cirúrgico, sofre a sua impotência para salvar uma vida, revela que ele tem no coração o Amor a sua profissão.

A Dor do médico, no leito de morte do seu paciente, traduz o Amor à Medicina.

A Dor do terapeuta, que perde sua cliente num suicídio inesperado, transforma-se em um desesperado Amor à psicologia, na ânsia de evitar outras perdas.

A Dor pungente da mulher que chora a lágrima cristalina da ausência do ser amado, está sentindo o Amor expresso numa indizível saudade.

O coração abriga às vezes uma Dor difusa porque serena e secreta que traz consigo a melancólica verdade do Amor não correspondido.

E, assim, caminham os homens pela estrada da vida, entre dores e amores que os tornam artífices de suas próprias vidas.

Coexistem, dolorosa e amorosamente, dores e amores no coração do homem, muitas vezes *ad aeternum*! Conjugados, perfazem a nossa estrada evolutiva para o Infinito...

Leda Jesuino

* * *

UM MOMENTO DE EMOÇÃO

Hoje fui almoçar com o filho *JURA*, Juiz Federal do Trabalho, e *ELIZABETE*, ex-secretária, que trabalhou comigo aproximadamente dez anos. Esse almoço foi cercado de alguma ansiedade e emoção porque o encontro se deu quase que defronte do prédio onde funciona a Justiça do Trabalho, minha velha casa, em um restaurante antigo, normalmente frequentado por operadores do Direito. O Torre Molina apresenta instalações aconchegantes, mas sem luxo, quase uma vida de existência, uma escada de pelo menos quarenta degraus de altura elevada.

Não encontrava *ELIZABETE* havia muito tempo e raros foram os contatos por telefone. Está trabalhando em Campinas, São Paulo, como serventuária da Justiça do Trabalho.

No início da semana tive uma vontade incontida de vê-la e imaginei: “Será que ela vem passar a Semana Santa com a família?”

Peguei uma velha agenda e arrisquei uma ligação para a casa de seus pais, sendo atendido por sua irmã, que logo reconheceu a minha voz. Depois de breve cumprimento, lhe perguntei se Elizabete viria passar alguns dias em Salvador.

Ela acabou de chegar do aeroporto, Dr. *JUAREZ*, ainda está segurando as malas.

Meu *DEUS*, que coincidência feliz! Ouvi o chamamento: “*ELIZABETE*, Dr. *JUAREZ*, seu antigo chefe, ao telefone.”

Atendendo logo o aparelho, *ELIZABETE* me falou surpresa: “Dr. *JUAREZ*, que novidade é essa?! Acabei de chegar, e vinha pensando em você no avião.”

Para encurtar a conversa eu disse que queria vê-la e marcamos o almoço acima comentado.

Desejava reviver o passado? Será que alguns corações humanos são assim? Será que eu queria que ela me visse depois de minha severa enfermidade, quando cheguei a receber o sacramento da Unção dos Enfermos, e agora já me sentindo bem, bonito, compenetrado, por estar escrevendo em um *site* da torcida do Vitória, com que tanto me identifico, *canalecvitória* e concluindo meu quarto livro, *ELES ME CONTARAM...?*

O certo é que fui bem vestido, ao meu estilo, um pouco excêntrico, na verdade.

Foi um encontro maravilhoso, pois fizemos uma varrição do passado e falamos muito do agora. Presenteei-a com um perfume francês comprado em Paris, que ela adora usar e lhe entreguei uma “certidão” através da qual está explicitado todo meu agradecimento por sua conduta e solidariedade, quando estava eu à beira da morte.

A peça, como costume chamar, só contém verdades, e está recheada de ternura. Observei que seus olhos umeeceram, depois de lê-la.

Após agradecimentos e abraços, voltamos a conversar.

ELIZABETE, com meu estímulo, submeteu-se a concurso público perante a Justiça do Trabalho, sendo aprovada para o cargo de Técnica, logo nomeada para uma das Varas de Campinas.

Como se não bastasse, submeteu-se a novo vestibular, agora de Direito, e está para concluir o curso. Repeti para ela que um dia poderá ser Juíza Federal do Trabalho e quem viver poderá ver.

ELIZABETE quer voltar para sua terra e está tentando fazer uma permuta, precisando, todavia, de apoio no encaminhamento do requerimento. Meu filho, embora Juiz, disse com franqueza: “Não tenho condição de ajudá-la, mas meu pai pode, se quiser, pois, embora afastado das atividades forenses, continua tendo livre trânsito com a cúpula do Tribunal e Assessores, de vez que os atuais Desembargadores Federais com ele trabalharam desde jovens, sendo muito querido por todos. Um elogio sobre você partindo dele será bastante valorado.”

Prometi ajudar minha ex-secretária nos limites estritos da Lei.

Concluído o almoço, deixei-a na sede do TRT em Nazaré, onde começou a tratar do seu caso.

Um abraço apertado, um beijo carinhoso e um “Até breve”, após haver me dito que eu era uma pessoa incrível, que gostava muito de mim e orava constantemente por minha recuperação. Que bom ela ter me contado tudo isso!

* * *

CERTIDÃO

Aos dois dias do mês de abril do ano de dois mil e dez, revendo o livro do tempo e da vida, **CERTIFICO**, para qualquer fim, que *ELIZABETE SILVA CONTREIRAS* trabalhou e dirigiu internamente a Sociedade **JUAREZ WANDERLEY E ADVOGADOS ASSOCIADOS**, por um longo período, de maio de 1996 a fevereiro de 2006, ou seja, da fundação ao encerramento. Isso ocorreu em razão de grave enfermidade do seu titular, que terminou sobrevivendo por vontade de *DEUS*, que resolveu deixá-lo, neste *Plano*, por mais tempo. Aliou-se ao fato, ter o seu filho e sucessor, *JUAREZ DOURADO WANDERLEY*, à mesma época, logrado aprovação no concurso de **Juiz Federal do Trabalho** e logo nomeado, hoje integrando a **5ª Região**. *ELIZABETE* era o “pulmão do Escritório”, como costumava dizer, bons conhecimentos de português, preparava as mais importantes peças processuais, 20 a 30 folhas, aproximadamente. O texto era ditado pelo seu titular, quase sempre, **tensamente**, com as observações de caixa alta, negrito, itálico, retângulo, sombreado, cores etc. No final, a revisão, ao contrário, era muito tranquila, pois o **certificante** acompanhava o desenrolar do trabalho por um monitor, colocado em cima de sua mesa de labor, sem gaveta, que ninguém tocava. O texto era ditado sem interrupção, que só acontecia em raríssimas oportunidades e se o expediente fosse da empresa IOB, telefones, inclusive celular dos presentes, eram desligados, não se atendia a quem quer que fosse, pois o trabalho era muito difícil, exigia silêncio e concentração absolutos; um massacre emocional sofriam o titular e a secretária. O **certificante** orgulha-se em ter colaborado para o cresci-

mento profissional da **certificada**, facilitando algumas viagens e horários para estudo, pois, o titular do escritório acreditava que ela passaria em concurso público na Justiça do Trabalho para cargo compatível com a sua formação. Venceu e hoje é funcionária efetiva do Quadro de Pessoal do **Tribunal Regional do Trabalho de Campinas**, São Paulo. Embalada com o sucesso fez novo vestibular, agora para o curso de Direito, sugestão que também lhe era dada reiteradamente, obtendo nova vitória e hoje o frequenta normalmente. Tem amplas possibilidades, na avaliação criteriosa do **certificante**, de um dia se tornar **Juíza Federal do Trabalho**. Quem viver poderá ver. **Certifica-se**, afinal, que durante a enfermidade do **certificante** portou-se com a maior dignidade, demonstrando uma invejável solidariedade humana o que obriga o **certificante** a lhe dizer: **DEUS LHE PAGUE E PROTEJA! ELIZABETE**, foi quem, pela última vez, fechou a porta do escritório e apagou a luz. Demorei muito para emitir este **certificado**, mas hoje o faço com uma incrível emoção que ela muito bem conhece, deixando aqui o abraço bem apertado, agradecido e o beijo carinhoso que só dedico a pessoas especiais.

Essa **certidão** reflete a expressão da verdade.

Juarez José de Souza Wanderley

* * *

III CURSO DE TANATOLOGIA

Educação para a morte

Uma abordagem plural e interdisciplinar

MÓDULOS

Atitudes Religiosas
Atitudes Filosóficas
Atitudes Científicas
Atitudes Pedagógicas
Atitudes Estéticas

Painéis Interdisciplinares:

- É Possível uma Educação para a Morte?
- Mídia e Morte
- Perspectivas Histórico-Culturais da Morte
- A Criança e a Morte: Visão da Educação
- A Criança e a Morte: Visão da Psicologia e Medicina
- A Comunicação com o Paciente Moribundo e a Família
- Perspectivas Ético-Jurídicas da Morte – Eutanásia, Distanásia, Ortotanásia
- O Médico diante da Morte
- Luto
- Doações de Órgãos
- Suicídio

Maio a novembro / 2009

VAGAS LIMITADAS

**Extensão Universitária – Presencial e à Distância –
144 horas**

- Certificado emitido pela Disciplina de Emergências Clínicas da FMSP
- Pontuado pela Comissão Nacional de Acreditação (AMB e CFM)

Público Alvo: Estudantes e profissionais da área da Saúde e Humanas, mas aberto a qualquer interessado.

Informações e Inscrições on-line
 Pinus Longæva, Saúde e Educação
www.saudeeducacao.com.br
contato@saudeeducacao.com.br
 Fone/Fax: 11-2737-0041

“Deixar de pensar na morte não a retarda ou evita. Pensar a morte pode nos ajudar a aceitá-la e a perceber que isto é uma experiência tão importante e valiosa quanto qualquer outra”.

PHILIPPE ARIÈS

A morte coloca o ser humano diante de questões essenciais, de perguntas profundas, que não podem ser escamoteadas pela discussão apenas de aspectos periféricos. Morrer bem, ter uma morte tranquila, sem dor e sofrimento, bem-assistida, com o amparo Médico, social, familiar – tudo isso, sem dúvida, faz parte do processo educativo para a morte. Mas como pôr em prática tudo isso se os próprios profissionais não sabem como fazê-lo?

Discutir a morte é discutir a vida, repensar nossos valores e afetos. É enriquecer a vida potencializando-nos com aquilo que temos de melhor no presente de nossa finitude e nos projetando para a transcendência.

Do mesmo jeito que somos cuidados ao nascer, devemos ser cuidados no morrer.

METODOLOGIA:

- Aulas expositivas
- Debates
- Exposição e discussão de filmes
- Simulações de vivências na área da comunicação sobre más notícias (profissional-paciente-família e família-paciente)

PALESTRANTES:

Mais de cinquenta Professores Doutores, das maiores e melhores universidades brasileiras, referências em suas respectivas áreas, envolvendo psicologia, medicina, enfermagem, educação, antropologia, história, sociologia, assistência social, teologia etc.

MATERIAL DIDÁTICO:

Livro *A ARTE DE MORRER – VISÕES PLURAIS*, vols. 1 e 2 (indicado para o Prêmio Jabuti–2008), CD com música, poemas, imagens, vídeos educativos *on-line*, artigos e textos de revistas especializadas.

COORDENADORES:

Prof. Dr. *IRINEU TADEU VELASCO* – Prof. Titular da Disciplina de Emergências Clínicas da FMUSP.

Prof. Dr. *FRANKLIN SANTANA SANTOS* – Professor da Disciplina de Tanatologia – Educação para a Morte na pós-graduação em Ciências Médicas da FMUSP.

O AUTOR COMENTA

Não nego que fiquei surpreso com o contido no *folder* do *III Curso de Tanatologia - Educação para a Morte* - que chegou às minhas mãos através da Professora LEDA JESUINO DOS SANTOS.

Será que estou tão distanciado da realidade ou apenas alguns conseguem enfrentar a morte, inclusive educando-se para quando ela chegar?

Pois bem: o curso teve duração longa, de maio a novembro, ou seja, sete meses, sem férias, organizado por quem sabe, e foi dividido em cinco módulos: atitudes religiosas, filosóficas, científicas, pedagógicas e estéticas (!)

Lembro-me do curso ginásial, como era chamado no meu tempo, onde também existiam alguns módulos, como o de português, matemática, geografia, literatura, canto orfeônico, desenho, trabalhos manuais, dentre outros.

E não precisa um esforço maior para se ver que são diferentes os conteúdos, de um e de outro.

Ademais, há uma sofisticação didática no planejamento, existindo painéis interdisciplinares que tratam de temas como: *É possível uma educação para a Morte?*; *Mídia e Morte*; *Perspectivas histórico-culturais da Morte*; *A Criança e a Morte: Visão da Educação*; *A Criança e a Morte: Visão da Psicologia e da Medicina*; *A Comunicação com o Paciente*

Morimbundo e a Família; Perspectivas Ético-Jurídicas da Morte; Eutanásia, Distanásia, Ortotanásia; O Médico diante da Morte; Leito; Doação de Órgãos e Suicídio.

O que pode levar uma pessoa a se interessar por esse curso, que contou com a presença maciça de interessados?

Bem mais jovem, eu gostava de participar de painéis sobre Direito do Trabalho, envolvendo assédio sexual, dano moral, o poder disciplinar do empregador, liberdade sindical, Direito Constitucional, Direito Processual do Trabalho... Eu era um painelista militante além de organizar muitos eventos, principalmente quando era Diretor Cultural do IBDT – Instituto Bahiano de Direito do Trabalho. Noutras várias vezes fui convidado para integrar a mesa.

Sempre senti arrepios ao pensar, contudo, em participar de um desses painéis.

Interessante, caro leitor, é que os organizadores do curso ainda garantem “Certificado”, emitido pela disciplina de Emergências Clínicas da FMUSP. Salienta-se ainda que o curso é pontuado pela Comissão Nacional de Acreditação (AMB e CFM).

O curso na verdade é muito bem estruturado, tendo como metodologia aulas expositivas, debates, exposição e discussão de filmes.

O número de palestrantes é expressivo, pois conta com mais de cinquenta Doutores das maiores e melhores universidades brasileiras, referências em suas respectivas áreas.

O material didático é bem escolhido, inclusive livros, destacando-se A Arte de Morrer – Visões Plurais, CDs com

música, poemas e imagens, vídeos educativos on-line, artigos e textos de revistas especializadas.

Não podiam ainda faltar bons coordenadores, Professores de nomeada.

Assim, caro leitor, não sei se você já sabia de cursos como esse ou se é uma novidade o que estou trazendo ao seu conhecimento.

Já que passei algumas ideias gerais sobre o curso, sua organização e programa, gostaria de esclarecer o significado de algumas palavras.

Eutanásia é o nome que se dá à morte sem sofrimento. Existe uma grande polêmica a respeito da prática médica de abreviação da vida para um doente incurável e poupá-lo de uma dor desnecessária.

Distanásia é a agonia prolongada, é a morte com sofrimento físico ou psicológico do indivíduo lúcido. Este termo foi proposto por MORACHE, em 1904, em seu livro *NAISSANCE ET MORT*, publicado em Paris, pela Editora Alcan.

Distanásia é a prática pela qual se continua através de meios artificiais a vida de um enfermo incurável. A distanásia representa atualmente uma questão de bioética e biodireito. Algumas pessoas não se conformam que se prolongue artificialmente a vida de uma pessoa biologicamente morta. Este conceito insere-se no campo vasto da discussão do valor de uma vida humana e da morte. Opõe-se a eutanásia e pode associar-se a conceitos como a ortotanásia, a própria morte e a dignidade humana.

Ortotanásia é o termo utilizado pelos Médicos para definir a morte natural, sem interferência da ciência, permitindo ao paciente morte digna, sem sofrimento, deixando livre a evolução e o percurso da doença. Portanto, evitam-se métodos extraordinários de suporte à vida, como medicamentos e aparelhos em pacientes irrecuperáveis e que já foram submetidos a Suporte Avançado de Vida. A persistência terapêutica em paciente irrecuperável pode estar associada a distanásia, considerada morte com sofrimento.

Suicídio assistido: Segundo MARIA ELISA VILLAS-BÓAS, em sua excelente obra *DA EUTANÁSIA AO PROLONGAMENTO ARTIFICIAL*, ocorre o suicídio assistido, quando a morte se dá por provocação da própria pessoa enferma, cabendo ao terceiro – geralmente o Médico – apenas ajudá-lo materialmente em seu intento, comovido com a situação desesperada em que se encontra o doente.

A noção de assistir o suicídio advém da ideia de auxílio, de ajuda material, de provisão dos meios ou dos conhecimentos necessários para que o suicida tenha êxito em seu propósito.

Já a indução ou a instigação, que são coisas diferentes, feririam, *in casu*, a voluntariedade da conduta, descaracterizando a autonomia da decisão, por configurarem uma influência a alguém que já se encontra em situação difícil, física e psicologicamente.

* * *

OPERÁRIOS DE UM CEMITÉRIO ME CONTARAM

Dentro da formatação do trabalho estava programada uma entrevista com um “coveiro”, aquele que nos soterra, quando morremos. Por isso, passei quase um dia no Cemitério Jardim da Saudade. Procurei identificar um coveiro experiente, prata da casa, tendo o funcionário *EGÍDIO* facilitado o trabalho, ao localizar *FERNANDO*, pelo celular, que alguns minutos depois me atendeu, embora tenha estado com outros empregados.

FERNANDO quase não fala. Introvertido, calado, levantou a vista pela primeira vez, quando percebeu um escudo do Vitória gravado na minha calça e me confessou que era rubro-negro. Até nos cemitérios a torcida rubro-negra se faz presente.

Comecei então a com ele conversar sob uma árvore. Fisionomia envelhecida, calmo, sem transmitir qualquer emoção, me deu seu nome completo: *FERNANDO MACHADO DE SOUZA*, 49 anos de idade, natural de Itiruçu, interior da Bahia, e dezenove anos de Jardim da Saudade.

– *Tem medo da morte, Sr. FERNANDO?*

- Nenhum, Doutor.

– *Acredita em DEUS?*

- Acredito, sim, senhor.

– *Tem alguma religião?*

- Sou católico.

– *Conte um pouco de sua história, porque estou escrevendo um livro e um dos temas é a morte e o senhor trabalha com ela.*

- Pouco tenho a contar, Doutor: saí de Itiruçu e fui para São Paulo, ganhar a vida na construção civil como ajudante de pedreiro; depois voltei para Salvador e trabalhei no Edifício Morada Real do Garcia, onde residia o grande rubro-negro *JÚLIO REGO*, também e coincidentemente o administrador do cemitério. Certo dia, fui passar o São João em minha terra e voltei três dias depois do combinado, como acontece com quase todos que vão ao festejo junino. Por isso, um tio, que trabalhava no prédio, providenciou o meu despedimento. Desempregado, consegui uma colocação no cemitério Jardim da Saudade, através do homem bom que foi *JÚLIO REGO* e que já se foi.

Perguntei ao Sr. *FERNANDO* se durante esse tempo todo ele tinha visto “alguma alma” ou “assombração” ou “coisa parecida”, tendo respondido negativamente. Não acredito nessas coisas, disse.

Quis saber se algum sepultamento já o teria chocado, tendo me respondido de pronto que não: “Nenhum! Todos foram iguais para mim, Doutor.”

– *Se tivesse uma vaga no Barradão, Estádio do Vitória, o senhor iria?*

- De jeito nenhum, pois já estou acostumado aqui com o trabalho e colegas.

– *Como “coveiro”, o senhor enterrou muita gente. Durante a cerimônia algum parente morreu de emoção?*

- Não. Desmaios, gritos e cenas de desespero que o senhor já conhece.

– *O senhor trabalha na cremação?*

- Não. A cremação é com outra turma.

– *Tem filhos, Sr. FERNANDO?*

- Não.

– *É casado?*

- Vivo com uma companheira.

– *Quando o senhor morrer prefere ser enterrado ou cremado?*

- Cremado, mas *DEUS* é quem sabe.

– *Os seus colegas pensam mais ou menos assim?*

- Nem todos. Alguns gostariam de sair, trabalhar em outro lugar.

– *Qualquer deles já lhe contou alguma coisa sobre “almas, aparições, fantasmas”?*

- Não.

– *Se precisar dormir no cemitério, o senhor dorme?*

- Durmo. Sem problema.

FERNANDO queria me contar algo, estava percebendo, e facilitei a conversa dizendo:

– *Alguma observação a fazer, Sr. FERNANDO?*

- Doutor, hoje não existe mais a figura do “coveiro”, que passou a ser chamado de sepultador. Ademais, não faço mais esse serviço. Trabalho dirigindo doze deles. É como se eu fosse um cabo de turma.

Ele me explicou também o trabalho do sepultador e esclareceu, para ilustrar, que as cabines são duplas: cada morto é enterrado numa sepultura sob uma laje, sendo vedados todos os espaços possíveis com cimento.

A exumação, ou seja, o ato de retirada dos ossos somente pode ser feita depois de dois anos e seis meses; antes eram três anos.

Se um parente morre, porém, e a família o enterra na mesma sepultura, o tempo para exumação passa a ser contado a partir do último enterro.

FERNANDO fez muitos sepultamentos. A exumação deve ser feita com a presença de alguém da família, pois alguns mortos são enterrados com aliança, colares, correntes, ouro na arcada dentária, que a família leva. Do morto mesmo, restam ossos e cabelos, nada mais.

Achei o cemitério florido e ele me informou um dado desconhecido para mim: num grupo de vinte mortos, por exemplo, familiares de doze ou treze deles vão sempre ao cemitério,

alguns até semanalmente. Levam flores, ficam algum tempo contemplando o local, oram e depois retornam mais tranquilos.

Perguntei a *FERNANDO* se ele queria registrar algum acontecimento especial, fato que lhe tivesse chamado a atenção, e ele respondeu de imediato: “Não, nenhum, Doutor.”

Ao me despedir de *FERNANDO*, que em nenhum momento procurou saber o meu nome, agradei a sua gentileza e lhe fiz a última pergunta:

– *Os senhores têm Sindicato?*

- Temos Doutor, mas é muito fraco!

– *Até um dia, Sr. FERNANDO.*

- Até, Doutor.

Em seguida, conversei com *DANIEL DE SOUZA SANTOS*, natural de Ituberá, que trabalha no cemitério como servente de campo, cuidando da limpeza e do gramado. Ele estava sentado num banco, em horário de descanso, e percebi logo que era um operário diferenciado, ao me perguntar:

– *O senhor é repórter ou Escritor?*

- Tento escrever alguma coisa depois que me aposentei. Estive doente, mas estou bem. Já tomei até o sacramento da União dos Enfermos.

DANIEL está cursando o terceiro ano do segundo grau e me contou que quer fazer vestibular para Medicina ou Di-

reito. Não quis desencorajá-lo. Entendo que ele teria maiores chances se escolhesse carreira menos concorrida pois acredito que não tenha condição de pagar universidade particular.

Perguntei a *DANIEL*:

– *O senhor tem medo da morte?*

- Nenhum.

– *O senhor acha a morte uma coisa ruim?*

- Não, Doutor, porque é necessário morrer. Agora, se as pessoas fossem jovens a vida inteira, aí seria diferente.

– *Mas DEUS poderia ter feito o mundo assim, não acha?*

Ele sorriu e me perguntou:

– *O senhor gosta da mocidade; não é, Doutor?*

- Exatamente. – Respondi.

– *O senhor acha que existe Céu e Inferno?*

- Tenho certeza. Precisa haver um acerto de contas, Doutor.

– Não quis prolongar mais a conversa, que não me estava fazendo bem, e para finalizar perguntei se exerceria outra atividade em lugar diferente, se tivesse oportunidade.

- Sairia daqui, hoje mesmo, Doutor.

Despedi-me de *DANIEL* que trabalha há três anos no cemitério e fez questão de me dizer que tem muito nojo dos

“coveiros” e que é bastante discriminado na comunidade. Não registrou outro qualquer fato que merecesse ser relatado aqui.

Quando entrei no carro perguntou:

– *Doutor, anotou direito o meu nome?*

- Claro. – Respondi.

– *Vou sair no seu livro?*

- Não tenha dúvida. Se o senhor ainda estiver trabalhando aqui venho lhe trazer um exemplar. – Ao que ele respondeu: Se eu não estiver mais por aqui comprarei na livraria.

– Obrigado pela sua gentileza, *DANIEL*.

* * *

OS EMPRESÁRIOS DA MORTE

Depois de visitar um cemitério e conversar com alguns empregados, entre eles o sepultador *FERNANDO*, antes “co-veiro”, e o auxiliar de limpeza *DANIEL*, tive vontade de conhecer o funcionamento de uma funerária para incluí-la neste trabalho.

Segundo o conceito de empresa, dado por *SÉRGIO XIMENEZ*, esta é uma organização particular, pública ou de economia mista e destina-se a produção e/ou venda de produtos e serviços; uma funerária se enquadra perfeitamente no conceito de empresa, sendo, assim, uma sociedade como outra qualquer.

É do nosso dever explicitar, sem qualquer rodeio, que os serviços funerários têm como objetivo auferir ganhos com a prestação de serviços. Os seus proprietários são empresários tais quais os que se dedicam a outras atividades.

Como disse antes, visitei um desses empresários, que não vende perfumes, vestidos, brinquedos, automóveis, mas, sim, produtos funerários. Eles não podem ficar melindrados ao serem chamados empresários da morte.

Fui recebido com muita cordialidade pela também proprietária, Sra. *KELY*, cujo marido pouco vai à empresa, e seu administrador, Sr. *FERNANDO*.

A Sra. *KELY* é pessoa reservada, mas o Sr. *FERNANDO* é mais aberto, conversa bem e responde ao que você pergunta, com facilidade.

De logo você percebe ser um homem inteligente, educado, simpático, que deve ter estranhado a minha presença, porque eu não estava com a cara de quem iria comprar qualquer dos seus serviços.

Apresentei-me como escritor, que estava fazendo um trabalho sobre diversos temas da vida, complexos, inclusive a morte, justificando para eles a minha nova atividade para viver e contando que antes era Advogado e Professor.

Em rápidas pinceladas, resumi a minha história, a enfermidade de que fui acometido, e eles ficaram mesmo acreditando que eu fui um bom Advogado, especialista em Direito Individual e Coletivo do Trabalho.

Afirmo isto porque, antes mesmo de dizer o que eu queria, o Sr. *FERNANDO* me fez breve relato de reclamação trabalhista, em que figura como autor, em trânsito no Tribunal Superior do Trabalho. Queixou-se da morosidade do Judiciário e do sistema recursal adotado por nossa legislação, mas eu o encorajei dizendo que um dia ele acabaria recebendo o que tem direito, a depender muito da competência e dedicação de seus Advogados.

Quando comecei a fazer perguntas para que respondesse em bloco, tive que aliviar a conversa em razão de ele ter dito que perdeu uma filhinha no ano passado, por negligência médica. A *causa mortis* teria sido dengue hemorrágica.

Disfarcei um pouco, mudei de assunto e perguntei ao Sr. *FERNANDO* se ele acreditava em *DEUS*, tendo respondido

afirmativamente. Se *DEUS* era sempre justo, e ele demorou um pouco de responder. Fez menção à morte de sua filha: por que ela tão pequenina, inocente, e não bandidos que matam e estupram? Eu não quis forçar sua resposta objetiva em relação à Justiça Divina, mas ele explicitou que não tem explicação para isto, e me disse que preferia ter morrido em lugar dela. Pareceu-me conformado com o Criador e indignado com a Médica que o atendeu, responsável direta pela morte de sua filha, a seu juízo.

Aproveitei a oportunidade e perguntei se ele tinha medo de morrer, tendo me respondido que não, com convicção, e que pretendia viver oitenta anos. Completando a resposta, informou que preferia ser enterrado em uma gaveta, em lugar de ser cremado e que tinha muito medo do sofrimento.

Perguntei ao Sr. *FERNANDO* se ele estava ali porque queria ou por necessidade, tendo ele me respondido que necessitava daquele emprego, mas que estava nos seus planos deixar aquela atividade. Indaguei, então, se não era melhor trabalhar num *shopping* em contato com gente bonita, coisas alegres, tendo sido mais enfático: “Vou sair daqui o mais breve possível, Doutor!” Coisa que eu não acredito, porque o Sr. *FERNANDO* está totalmente integrado na atividade.

Na minha opinião, quando puder, deixará de ser empregado para ter a sua própria funerária. O Sr. *FERNANDO* convive com a dor e o desespero, presenciando o sofrimento de pessoas dentro da própria loja. Já está acostumado com isto, mas confessa que ainda fica emocionado quando vende os serviços funerários para o enterro de uma criança.

A funerária onde trabalha fez o sepultamento de sua pequena filha, que se foi aos três anos de idade.

O Sr. *FERNANDO* elogiou os serviços da empresa e acha que é um dos melhores prestados à comunidade, enaltecendo inclusive os concorrentes.

Ele explicou que há “enterros” simples e outros mais sofisticados, mas ninguém fica sem ser enterrado.

Alguns familiares que tratam do funeral fazem diversas solicitações.

Recentemente, uma moça jovem, internada em um dos hospitais tradicionais de Salvador, já em fase terminal, mas ainda lúcida, pediu aos parentes que queria ser enterrada como uma princesa, bem-arrumada, com vestido bonito e num caixão branco. Quando morreu, sua vontade foi respeitada e a funerária fez de tudo para que ela ficasse bela, através de seus maquiadores. Algumas famílias solicitam também esse serviço à empresa, que possui dois ou três especialistas.

Indaguei quais os serviços mais solicitados, no particular, e ele me disse que a barba tinha que ser feita, o bigode, a arrumação do cabelo e a maquiagem no rosto. Quando o morto é do interior os familiares, em geral, pedem para que seja enterrado de paletó e gravata, mas os da capital podem ser vestidos de forma mais *light*, esportivamente. Há também aqueles que solicitam que o morto seja enterrado com a camisa do clube que torcia, Vitória ou Bahia, principalmente. Há alguns parentes que não gostam de pegar na alça do caixão e este detalhe é explicitado na contratação dos serviços, para as providências necessárias.

O proprietário da funerária vai pouco à loja, mas conversa muito com o administrador, por telefone. Enquanto eu lá

estava, ele ligou quatro ou cinco vezes para o Sr. *FERNANDO*. Todavia sua mulher fica na empresa o dia inteiro. Ela é ainda jovem e me disse que já está acostumada com a atividade, mas que até pensa em mudar de ramo. Quando pede ao seu marido para tentar viabilizar isto, acha que os pedidos “entram por um ouvido e saem pelo outro”. Entretanto, na prática e pela apatia demonstrada, não mostra garra para lutar por essa mudança.

Os preços dos serviços funerários variam muito a depender do enterro pedido pela família do morto.

O Sr. *FERNANDO* reafirmou, em determinado momento, que realmente o trabalho que executa é desagradável, mas o tempo se incumbe da adaptação.

Por fim, perguntei à Sra. *KELY* e ao Sr. *FERNANDO* se queriam registrar alguma coisa que pudesse enriquecer mais o meu trabalho, mas eles disseram que eu já sabia o suficiente.

Despedi-me, agradecendo a atenção e a gentileza dispensadas e prometi trazer dois exemplares quando o livro for publicado, mas não lhes desejei bons negócios...

* * *

UMA VISITA AO INSTITUTO MÉDICO LEGAL

Depois de passar dois dias em locais que me assustavam, cemitério e funerária, tive a ideia e a coragem de comparecer ao Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, pois queria conversar com um Legista, encerrando, assim, as minhas peregrinações em lugares ligados aos mortos.

No IML, quase morri de medo quando pensei que poderia me bater com um corpo, ou ver de perto aquela entrada e saída dos chamados “rabcões”. Chegava à recepção do Instituto e pensei em desistir, porém não dava mais, pois uma funcionária já me havia dirigido a palavra.

Meu DEUS! Que fui fazer ali, logo num dia em que estava de bem com a vida, o Vitória tinha se tornado Tetracampeão baiano de futebol, minha casa e carro enfeitados com a bandeira rubro-negra e, alegre, compartilhava da euforia de nossa torcida.

“Pois bem, agora não tem mais jeito”, raciocinei. “Vou ter que conversar com um homem frio, mal-humorado e, quem sabe, pouco disposto a ajudar no meu trabalho.” Assim, eu visualizava a figura do Médico-legista.

Ao chegar à secretaria, disse à gentil atendente que queria falar com um Médico-legista, mas não me identifiquei. Ela me perguntou o que desejava, o que pretendia, tendo eu res-

pondido, depois de pensar um pouco, que eu era um escritor, embora lesse nos seus olhos que me via como repórter ou um jornalista de segunda categoria. É de se observar que não mencionei sequer ter sido Advogado, Professor de Direito, talvez pelo estresse que estava vivendo naquele momento.

Obtive como resposta: “Vou falar com um Legista, senhor”. Deu três passos para trás e retornou, me perguntando se eu teria preferência por algum deles. “Não!”

A funcionária pediu “um instante, por favor” e se dirigiu a uma mulher bonita, elegante, carismática, e com ela conversou alguma coisa.

Imaginei que era a chefe do setor.

Retornando, a funcionária disse: “Pode entrar, senhor”. Eu repeti: “Não sei se a senhora entendeu, mas eu desejo falar com um Legista”. Ela retrucou: “A Dra. *ANNA* é Médica-legista, senhor”.

Quase perguntei: “Tem certeza?”, mas não o fiz.

Dirigi-me à mesa da Dra. *ANNA*, cumprimentando-a pelo nome:

– Como vai, Dra. *ANNA*?

– Bem, e o senhor?! Por favor, sente-se.

Não acreditava que estava diante de uma Legista, cabelos bem-arrumados, hidratados, que deveriam ter sido feitos em uma clínica de beleza elitizada, unhas pintadas, com aparência de jovem, um sorriso contido, mas expressivo, enfim, uma atraente mulher que não parecia ser mãe de dois filhos já adolescentes.

Depois de me convencer que a Dra. *ANNA* era Legista, contei-lhe rapidamente a minha história, que ela ouviu, sem interromper o que estava fazendo no computador, mas me dizia a todo instante que estava ouvindo.

Poucos minutos depois, a Legista já me chamava pelo nome, Juarez. Ela concordou em me conceder pequena, mas significativa entrevista, propondo-se a colaborar com o meu trabalho. Perguntei, então, à Legista:

– A senhora tem medo da morte?

– Não, nenhum! Tenho, todavia, muito medo do sofrimento que pode anteceder-lá.

– É possível, Doutora, um homem preparar-se serenamente para morrer?

– Não. A meu juízo, não é possível, Juarez, pois qualquer pessoa tem apego à vida, ama a vida e não quer deixar pessoas e coisas a que está ligada.

– Já que a senhora falou de vida, qual o seu sentido?

– Juarez, até o momento, eu não sei. Estou aqui no universo sem saber a verdadeira razão, mas vou vivendo.

– Além de Legista, Dra. *ANNA*, a senhora tem outra atividade?

– Sim. Todos os que aqui trabalham fazem mais alguma coisa. Sou infectologista também, atualmente me dedico a trabalhar com a AIDS e já laborei com a infecção hospitalar.

Após pequena pausa:

– No particular, não estou bem e gostaria de deixar esta atividade, pois convivo com muito sofrimento.

– A senhora quer deixar a atividade de infectologista para ficar como Legista, Dra. *ANNA*? É isso?

– É isso, sim, *JUAREZ*, pois aqui eu tenho paz. Aprende-se muito. Trabalho desde jovem e sou feliz, laborando como Médica-legista.

Meu *DEUS*, aquela moça sensível, acaba de me dizer isto. Não é possível!

Como é possível Dra. *ANNA* gostar de trabalhar mais com os mortos do que com os vivos. Fiquei perplexo com sua resposta, mas continuei a conversa e ela me explicou que não pode fazer autópsia (necropsia) de amigos, por questões legais, e sente certo desconforto quando esse trabalho é feito numa criança, porque esta morreu sem ter qualquer possibilidade de defesa.

– Dra. *ANNA*, elaborei pergunta para um Legista, um homem duro, sisudo, mas a senhora me parece tão frágil que não sei se devo fazê-la para não parecer grosseiro.

Ela demonstrou curiosidade e me disse:

– Agora quem quer que você faça sou eu.

E eu lhe perguntei:

– Já passou por sua cabeça ser necropsiada?

– Já, e muitas vezes, mas, sempre que isso ocorre, eu procuro afastar esse pensamento de minha cabeça. Não queria que isso acontecesse, pois não gostaria de ser devassada por conhecidos.

Em razão das respostas anteriores, deixei de questionar se ali estava por vocação ou por circunstâncias outras, mas ela, parecendo notar que estava lenta a minha mente, voltou a acrescentar:

– *JUAREZ*, eu gosto de trabalhar aqui e, quando chego, sinto uma paz enorme.

Atordoadado, perguntei:

– Dra. *ANNA*, quando a senhora termina suas atividades com os mortos, é capaz de ir normalmente a um aniversário, restaurante? Continuar suas atividades, normalmente?

– Claro! Quando saio daqui, continuo a viver a minha vida sem qualquer problema. Já que você falou em restaurante, gostaria de dizer que não como carne.

Ela, vendo que eu estava angustiado, me disse:

– *JUAREZ*, quando faço um trabalho com um morto, ele é, para mim, um morto. Já não existe mais como pessoa. As minhas energias, então, são concentradas para as pessoas vivas. A morte apaga tudo. A morte apaga a vida.

Confesso que a tranquilidade e a sensibilidade da Dra. *ANNA* atrapalhavam a minha concentração, mas mesmo assim consegui levar a entrevista até o fim e, perguntando se acreditava em *DEUS*, ela respondeu: “Não, não! Não acredito em *DEUS*”.

Finalmente, ainda conversamos sobre a sua profissão e ela me disse uma coisa que me levou a refletir depois que de lá saí: “Quando faço a necropsia, fico muito atenta à causa-morte, porque como você sabe trabalhamos com mortes violentas, mas algumas vezes algumas mortes naturais também passam pelo nosso crivo, como uma pessoa que morre sem acompanhamento médico e, conseqüentemente, sem o atestado de óbito. Fico muito atenta no meu trabalho, pois os seres humanos são inconfiáveis”.

Complementei, então:

– Na verdade, a senhora fica ligada sempre na possibilidade de haver um ilícito nesses casos?

– Isso, Juarez. Essa frase sua diz tudo. E se um colega nosso estivesse aqui, iria anotá-la.

A essa altura, já a chamava pelo nome.

No final de nossa conversa, *ANNA* me disse:

– Juarez, em troca da entrevista, você que é um escritor, passe para os seus leitores que os Legistas são pessoas como outras quaisquer, têm sentimentos, amam, sofrem, são sensíveis, devendo acabar-se esse preconceito existente que a comunidade tem contra eles. Você entrou aqui com a expressão carregada e deles falava, sem notar, de forma preconceituosa, mas, agora, pelo seu sorriso, sua descontração depois de conversar comigo, você está vendo que não há razão para isto.

É verdade, caro leitor, Dra. *ANNA ELISA DINIZ*, especializada em Medicina Legal, é um amor de pessoa e desenvolve suas atividades com dedicação e competência, demonstrando toda sua sensibilidade. E ela me disse que os seus colegas também são assim. O recado está dado.

* * *

UMA ESPERA QUE VALEU A PENA

Você nunca sabe quando chega a hora de dar por concluído um livro que está escrevendo.

Estava saindo do teatro, quando encontrei um grande amigo que acompanha meu esforço para realizar este trabalho.

Depois de caloroso abraço, a pergunta foi imediata: “E o livro? Tenho uma sugestão a lhe dar. Já que você está tratando do tema MORTE, seria interessante ouvir um Médico-legista que faz também outras coisas, dentre elas, escrever: Professor Doutor *LAMARTINE LIMA*”. Em seguida, passou-me o seu *e-mail*.

Acolhi a ideia e mandei ao Mestre um pequeno bilhete para seu endereço eletrônico, que mereceu sua imediata atenção.

Em síntese apertada, mas com um extraordinário conteúdo, ele respondeu a seis questionamentos que lhe fiz e que você vai ler a seguir, prezado leitor, com toda a atenção.

Esta pequena introdução tem também a finalidade, porque nem todo leitor é Médico, de apresentar o ilustre Professor.

Doutor LAMARTINE LIMA é Médico e diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, turma de 1968; é Professor Honorário da Escola onde estudou; lecionou também, na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, a cadeira de Medicina Legal; durante trinta

anos foi Médico-cirurgião na área de Urologia e laborou por muito tempo como Médico-legista do Estado, mediante concurso; Benemérito da Associação dos Legistas do Estado da Bahia; Mestre e Doutor pela Escola Superior de Guerra Naval, onde galgou a patente de Capitão-de-Mar-e-Guerra; Presidente Emérito do Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins. Hoje é Escritor e correspondente de diversas entidades científicas.

Caro leitor, tenho certeza de que você gostará das explicações, respostas e ensinamentos do Dr. *LAMARTINE*.

Valeu a pena esperar.

AS SÁBIAS LIÇÕES DO MÉDICO-LEGISTA, DR. LAMARTINE LUNA

Que faz exatamente um Médico-legista?

- O Médico-legista é aquele profissional que trabalha com a perícia de ciências médicas voltada para o esclarecimento dos operadores do Direito. Seu campo de ação abrange desde a vida humana intrauterina até os restos mortais, em todas as situações que envolvam a Medicina e a Lei.

Para exercer tal função é necessário ter uma estrutura emocional diferenciada?

- A estrutura psico-emocional do Médico-legista não deve ser diferente daquela de qualquer outro especialista em um dos campos das ciências médicas. Todos os Médicos, em algumas ocasiões, vivem circunstâncias extremas junto a seus pacientes.

Como o senhor se sente quando se depara com a autópsia de um amigo ou de uma criança?

- Quando eu me deparo diante de um cadáver humano sobre u'a mesa de autópsia, concentro-me na observação científica de tudo o que possa ser relacionado com aquela morte. Quando se trata do corpo morto de uma criança, não é diferente. Quando se trata dos restos do que foi o suporte da vida de uma pessoa que era minha amiga, também tenho de

agir cientificamente, embora sofra a emoção de estar trabalhando sobre a perda do que constituiu a sua imagem, o que de mais perecível aquela pessoa deixou, restando apenas a sua memória e de suas ações e realizações.

Se o senhor pudesse ou quisesse, trocaria de atividade? Exemplo: clínica médica, cirurgia...

- Embora eu também tenha o título de Cirurgião-urologista, profissão que exerci durante trinta anos, paralelamente à especialidade Médico-legal, eu nunca pensei e jamais gostaria de deixar o exercício da Medicina Forense.

Quando o senhor acaba o seu trabalho de Legista, continua a desenvolver outras atividades normalmente, dando sequência à vida?

- Sim, sem qualquer dúvida incomum quanto a alguma decisão ou atitude a ser tomada nas minhas atividades cotidianas normais.

O senhor tem medo da morte? É possível um homem preparar-se serenamente para morrer?

- Eu sei como se morre. O modo de falecimento é para quem o recebe como o sono profundo que não mais termina. A supressão súbita da vida é o colapso absoluto da percepção e dela não há consciência. Já assisti muitas pessoas morrerem. Não tenho qualquer medo da morte. Já estive internado em UTI mais de uma vez. Todavia, temo enormemente o sofrimento psíquico e físico. A longa história do ser humano mostra que é possível a um homem preparar-se tranquilamente para a morte.

Prezado leitor,

Sinto-me um privilegiado em ter conseguido este belo e significativo texto do Professor Lamartine, que demonstrou possuir a simplicidade daqueles que cultivam o saber.

... ..

Depois de ler o texto do Professor *LAMARTINE* não me contive e escrevi brevíssimas observações, que gostaria de registrar:

- A tipificação das atividades de um Médico-legista está perfeita do ponto de vista técnico. Além do mais, professoral.
- Assusta-me a resposta de que a estrutura psíquicoemocional dos Médicos-legistas deve ser igual a de qualquer especialista em um dos campos das ciências médicas.

Será que é assim mesmo?

- Quando responde a segunda e terceira questões o Professor demonstra que tem uma estrutura psíquicoemocional diferente. A função de Médico-legista não lhe trouxe qualquer transtorno em sua vida, pois quando desenvolve essa atividade o faz como cientista. Acho apenas que nem todos conseguem alcançar este estágio.
 - Impressiona-me a contundência de sua resposta ao sexto questionamento: "EU SEI COMO SE MORRE". Será?
- E eu que tenho tanto medo da morte, como me sinto? Por isso, estou pedindo a ajuda de DEUS.

* * *

MEU ENCONTRO COM O PRIMO DA BARRA

Estava na Livraria Saraiva, no Shopping Iguatemi, quando encontrei o primo *RODOLFO CARVALHO*, que chamo carinhosamente de primo da Barra.

Tínhamos acabado de fazer a mesma coisa: adquirido livros. Eu comprara um exemplar de *PABLO NERUDA* e ele um livro de Física Quântica.

Depois da troca de abraços, conversamos um pouco, oportunidade em que lhe disse que estava acabando de escrever *ELES ME CONTARAM...*, recebendo cumprimentos antecipados.

Tive a sensação, naquele instante, de que estava faltando algo e lhe perguntei, não sei bem por quê:

– *DEUS* existe, *RODOLFO*? Você acredita em *DEUS*?

Com sorriso largo, me perguntou se eu estava brincando ou se a indagação era séria; e eu respondi que não fazia gracejos com esse assunto.

– Você, então, poderia contribuir com este trabalho, respondendo objetivamente à indagação formulada?

Ele disse tranquilamente:

– Eu fiz isso recentemente, em atenção à carta de uma amiga.

– Você me ajuda, cedendo o texto para publicá-lo?

– Como não? Mando-lhe, ainda hoje.

À noite, recebi. Era a resposta dada a uma amiga, através de sucinta carta, em que aborda a questão, como dizem alguns, em síntese apertada, mas com um conteúdo extraordinário.

Não tive dúvidas. Fiz a carta constar dos *ANEXOS*.

Antes, porém, peço permissão ao leitor para dizer que o primo da Barra é diplomado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, Mestre em Ensino de Física, atualmente concentrando-se em pesquisa de ensino de Mecânica Quântica no curso médio e na graduação da UFBA. Tem dois livros e diversos trabalhos publicados no Brasil e um nos Estados Unidos, *INTRODUCING QUANTUM PHYSICS IN SECONDARY SCHOOL*, mais especificamente na Universidade de Mineapolis, Minesota. Suas pesquisas de Mestrado originaram recentemente artigos publicados nas Revistas *EENCI/IENCI*.

* * *

CARTA-RESPOSTA

Prezada amiga,

O caráter preditivo da Física parece ser um dos traços mais fundamentais dessa ciência. Ele permite pensar não somente na evolução cosmológica futura, mas também recuar no tempo e descrever, com satisfatória confiança (ainda que não absoluta), o que aconteceu nos instantes iniciais do nosso universo (na hipótese de o modelo atual ser pertinente). Muitas partículas elementares, provavelmente existentes no início do universo, foram previstas teoricamente no século XX e, posteriormente, detectadas graças ao avanço tecnológico que propiciou a construção de aceleradores de partículas.

Parece, contudo, que foge à ciência o objetivo de incluir, nas suas leis, a razão de ser da existência da matéria e da energia. As teorias físicas não tratam, em princípio, disso. Elas preveem apenas resultados de uma medida, em um contexto experimental bem definido. Acredito que é um direito legítimo do ser humano crer numa entidade criadora deste mundo, apesar de considerar que este assunto não faz parte do que, hoje, entendemos como ciência. Se aceitarmos esta possibilidade, penso que não posso separar um *DEUS* Cósmico do *DEUS* Bíblico, pois é fato que o amor existe. As pessoas que se amam são constituídas de matéria. Você diz ser irracional a minha crença. Os atos de criação humana de fato possuem uma carga de irracionalidade. A própria invenção da ciência está carregada de subjetividade, pois ela necessariamente é

humana, e nem por isso deixa de referir-se a algo que de fato existe: o mundo. A psicanálise, que não vejo como ciência, pois pode ser falseada, deve ter, seguramente, muito a dizer sobre a “realidade”.

Creio num mundo material objetivo que não deve ser confundido com as ideias que fazemos deste mundo. Insisto nessa diferença, pois vejo muita afetação, às vezes ingênua, de se misturar o “êxito metodológico” da ciência com consistência (ou não) da crença divina. São assuntos de natureza diferentes. Creio num mundo, como já disse, que não é afetado, e muito menos criado pelas ideias humanas, nem mesmo num nível mais elementar. Os átomos existem de verdade, embora a depender de como prepare um sistema quântico eu possa medir, ou não, certas propriedades. Não gosto do modismo daqueles que se apropriam de ideias da ciência para tirar algum tipo de proveito que não cabe, hoje uma prática comum entre alguns Educadores. Mas não vou me estender sobre questões científicas e epistemológicas. Aliás, preferia que você tivesse me enviado duas cartas, pois penso que são dois assuntos que guardam, em certa medida, uma boa dose de independência, mas o tempo obrigou-se a dizer o que penso de uma só vez. Volto, finalmente, ao foco: na minha humilde opinião, *DEUS* existe? Acredito que sim, *DEUS* existe, e não consigo enxergar contradição absoluta ao acreditar no *DEUS* Criador e na Ciência fabricada pelo homem, esta última, como disse *POPPER*, sempre provisória.

Um abraço.

Rodolfo Carvalho

Dezembro/2009

A ÚLTIMA PÁGINA

Quando você está acabando de escrever um livro, a vontade de avaliá-lo é muito grande e de imediato. Foi assim nos trabalhos anteriores, o que agora se repete.

Redigi esta página depois da primeira revisão do texto, já com a boneca pronta, para facilitar a tarefa.

Com toda honestidade, confesso que gostei do que estava sendo feito, pelas razões que a seguir explicito.

Consegui, inicialmente, com muito esforço convencer cinco intelectuais a colaborar com o trabalho. Talvez tenha sido a missão mais difícil, pois tive que ultrapassar inúmeros obstáculos para com eles conversar um pouco.

Assim, dialoguei com o Psiquiatra *DOMINGOS MACÊDO COUTINHO*, o Médico-cirurgião *LUIS ANTÔNIO MEDEIROS DE OLIVEIRA*, a Educadora e Filósofa *LEDA JESUINO DOS SANTOS*, o Engenheiro Civil e Político *SÉRGIO GAUDENZI* e o Jurista *ANDRÉ BARACHÍSIO LISBÔA*.

Eles me contaram tantas coisas que eu não sabia sobre *DEUS*, vida, morte, paixão, amor, amizade, comiseração, a arte de advogar, o dia-a-dia do Advogado, e a função social que desempenha, entre outros tão complexos e profundos temas. Tudo isto nos convidou a pensar e refletir melhor. Quantas

respostas surpreendentes nos foram dadas em razão dos questionamentos cuidadosamente elaborados.

Como são objetivas, sábias e inteligentes as pessoas com quem tive a oportunidade de aproximar-me.

Vencido o primeiro desafio para realizar este trabalho, estive num cemitério por quase um dia, conversando com antigos “coveiros”, hoje sepultadores, e auxiliares, ouvindo suas histórias.

Não sei onde fui buscar coragem para visitar o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues e lá passar uma tarde, quando “bati longo e demorado papo” com a Médica-legista Dra. *ANNA ELISA DINIZ* e, depois, em estilo pingue-pongue, a entrevistei como desejava.

Visitei uma funerária, passando também interminável dia, assistindo toda movimentação da casa, os negócios realizados, presenciando, ao vivo, as dores da vida, ficando assustado com a adaptação de seus proprietários e prepostos a essa atividade, razão pela qual os rotulei de empresários da morte.

Esperei até o último momento para ter acesso ao Dr. *LAMARTINE LIMA*, tendo êxito, graças à intermediação do meu Médico, amigo e compadre *JORGE CERQUEIRA*, coincidentemente Presidente do CREMEB – Conselho Regional de Medicina da Bahia. Que sorte! Eu fui tão bem recepcionado pelo ilustre Professor.

E as respostas? Não posso deixar de registrar que algumas me surpreenderam, muitas me trouxeram ensinamentos e outras me assustaram.

Dr. LAMARTINE, caro leitor, nos diz, por exemplo: "Eu sei como se morre. Não tenho qualquer medo da morte". Eu me sinto tão pequeno diante de uma assertiva desta, que confesso não ter dormido bem na noite em que a li, dada a minha incapacidade de lidar com a morte, de que tenho medo e abomino.

Já o Psiquiatra DOMINGOS COUTINHO afirma que "muitas doenças mentais não têm cura"; que "abjura a ideia da reencarnação"; que "é católico, cada vez mais apostólico e menos romano"; que "tem uma relação muito ambígua com a morte, e não teme o Juízo Final, talvez por acreditar na infinita misericórdia divina".

O Jurista BARACHISIO LISBÔA explicitou que "a advocacia é a profissão mais parecida com a dos atores", que "a paixão é má conselheira", que "a advocacia exige destemor e determinação, mas é incompatível com a imprevidência". Não se queixa de seus clientes que são juizes, diz que "a morte é o fim", e que sua morte é problema dos amigos.

A sábia Educadora LEDA JESUINO DOS SANTOS, em um bilhete que me fez, alude que não sabe se encontrará, em suas respostas, a "doce Professora" da minha adolescência, "porque o sal da vida costuma, às vezes, absolver a dogura e temperar a monotonia do cotidiano viver", e explicita pensamentos que nos forçam a uma reflexão maior sobre a nossa própria existência. "A minha maior emoção é sentir que o Aplicação ainda vive na mente dos que o criticam e no coração dos que o amam [...] Ah, se a mocidade soubesse e a velhice pudesse!"

Ainda quando responde a questionamento sobre a velhice afirma ser impossível esquecer a pergunta de uma criança: *“o que é a velhice?”* E eis a resposta daquela mãe envelhecida, desgastada pelas lutas e dificuldades das decepções, sentindo o peso do sofrimento sobre os ombros cansados: *“Olhe para o meu rosto, meu filho, isto é a velhice”*. E o garoto viu as rugas, a tristeza nos olhos de sua mãe e, depois de alguns instantes, exclamou: *“Mamãe! Como a velhice é bonita!”*

E este autor complementa: *“Os alunos do Aplicação não conseguem dele esquecer-se, são eternamente gratos a tudo isto. Sempre que surge oportunidade, não abrem mão de se vangloriar com orgulho, emoção, sorriso e beleza, daquele colégio experimental que deu certo, tornando-se um mito. A vaidade se faz presente quando alguém indaga, até por curiosidade: ‘Você foi aluno do Aplicação?’”*

O Dr. LUIS MEDEIROS, em uma de suas respostas, disse que *“a morte e o nascimento fazem parte da nossa existência, razão pela qual ela não é uma inimiga a ser vencida”*.

Disse ainda: *“Após analisar os fenômenos complexos da Natureza, obtive a certeza de que existe vida após a morte e que tornaremos a nascer, um dia, para completar a nossa evolução.”*

Dr. GAUDENZI, respondendo a uma das nossas perguntas, afirmou: *“Acredito, sim, em DEUS e na sua infinita Justiça. A morte é o final de uma caminhada para um novo reinício. Se depender do que eu creio, depois da morte haverá uma nova vida”*.

Por sua vez, o Engenheiro Civil e Professor de Física Quântica, *RODOLFO CARVALHO*, aquele meu primo da Barra, de quem eu tanto gosto, disse: “*DEUS existe, e não consigo enxergar contradição absoluta ao acreditar no DEUS Criador e na ciência fabricada pelo homem, esta última, como disse POPPER, sempre provisória*”.

“*Fico muito atenta ao meu trabalho, pois os seres humanos são inconfiáveis*”, afirmou a Dra. *ANNA ELISA DINIZ*.

“*Gosto de trabalhar no IML; quando chego, sinto uma paz enorme*”.

Como pode você observar, prezado leitor, conversamos sobre muitos assuntos complexos, sérios, que às vezes tiram a tranquilidade psíquica do homem. Por tudo isto, eu achei que o trabalho foi bom e que você poderá gostar também. E já estou pensando, quem sabe, se *DEUS* permitir, um pouco mais adiante, escrever *EU ESTOU CONTANDO...*, porque só sei fazer poucas coisas na vida. Na verdade, sei amar o Universo, a Vida, a Família, os Amigos, os Homens de uma maneira geral, as Crianças, os Idosos, as Coisas que Deus fez, o Vitória, clube do coração. Algo me fascina: gosto de escrever.

* * *

A COMEMORAÇÃO EM LISBOA



JUAREZ WANDERLEY



CASA DE FADOS

197

Eles me contaram...

Não é que comemoramos em Lisboa, junto à família, numa Casa de Fados, não somente os nossos 65 anos, mas também a conclusão deste livro?

Assim *DEUS* quis...

* * *

QUAL O MEU DESTINO?



De onde vim? Para onde vou? Que me acontecerá?

* * *

Os personagens da dedicatória



JOÃO PEDRO CARDOSO WANDERLEY, para mim *JOÃOZINHO*, é o meu terceiro e querido neto. Forte, bonito, olhos azuis, sedutor, é filho de *JURA* e *MARIANA*. Está iniciando a sua caminhada, alegrando a todos nós. Nasceu no dia 4 de agosto de 2009, às 9h53min, no Hospital Santo Amaro, vindo ao mundo pelas mãos da Dra. *LUCIANA VIEIRA LOPES CHAUI* e do Dr. *ANTONIO CARLOS VIEIRA LOPES*. Já é rubro-negro de carteirinha.



TAIS WANDERLEY KERTZMAN é a minha primeira neta, a princesinha do clã a que me referi no início, já por mim coroada. Embora pequenina, pois nasceu no dia 25 de novembro de 2009, às 8h59min, no Hospital Aliança da Bahia, me olha de forma diferenciada. Chegou pelas mãos do Dr. *ANTONIO CARLOS VIEIRA LOPES*. *TAIS* é filha de *IVAN* e de *MARIANA*.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

BIGNOTTO, Newton et al. **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BUSCAGLIA, Leo F. **Vivendo, amando & aprendendo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

CALAMANDREI, Piero. **Eles, os Juízes, vistos por um Advogado**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GASPARETO, Zibia. **Sem medo de viver**. 12 ed. São Paulo: Espaço, Vida & Consciência, 1997.

JARAMILDO, Isa Fonnegra de. **Morrer bem**. São Paulo: Planeta, 2006.

KARDEC, Alan. **O livro dos espíritos**. 133 ed. Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita (IDE), 2001.

KELSEN, Hans. **A ilusão da Justiça**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

MONDA, Antônio. **DEUS e eu: conversando sobre fé e religião**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

NUNES, Pedro. **Dicionário de Tecnologia Jurídica**. Rio de Janeiro e São Paulo: Freitas Bastos, 1961.

SILVA, Plácido e. **Vocabulário Jurídico**. Rio de Janeiro: Forense, 1963.

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. **Ética**. 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

VILLAS-BÔAS. **Da eutanásia ao prolongamento artificial**. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

WANDERLEY, Juarez José de Souza. **Fatos da Vida: episódios biográficos romanceados**. Salvador: JM Gráfica e Editora, 2008.

* * *

Contato com o autor:
Juarez Wanderley
Tel.: (71)3345-4299 / 3240-5475
Cel.: (71) 8874-2320
E-mail: juarezwanderley@terra.com.br

Apoio cultural:



Luiz Mendonça Filho

Armando Teixeira de Freitas Filho



EABL
Escritório de Advocacia
Barachisio Lisboa



b u r e a u
G R Á F I C A E E D I T O R A

Tel.: (71) 3369-3861 - Fax: 3289-4429
E-mail: bureaugraf@uol.com.br

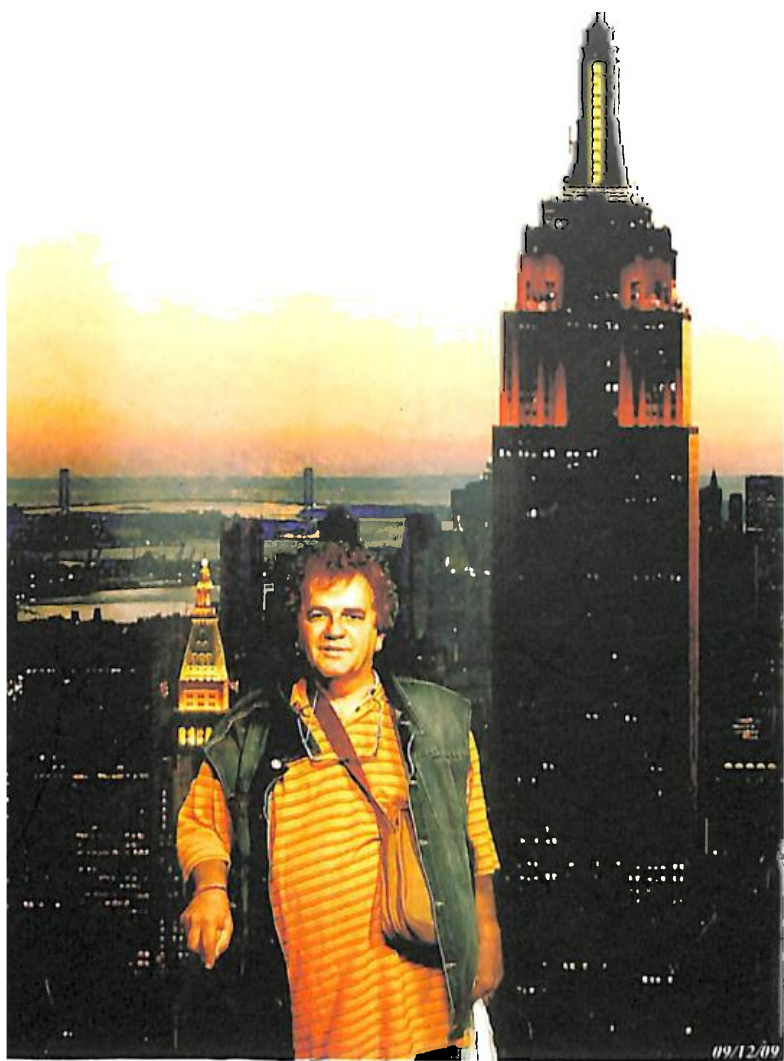


em capacidade a cada dia. De bem com a vida, procura aceitar o outro como ele é, e insiste em também ser assim aceito. Pertinaz, tem vencido, com galhardia, as vicissitudes e reveses com que a vida costuma envolver-nos. Uma paixão o transforma, quando fala do clube do coração: o Vitória faz parte de sua vida. Sempre motivado e a motivar a torcida, sofre e vibra. As conquistas o elevam e põem-no no céu.

Conversa sobre todos os assuntos, e emite sempre sua própria opinião ou ponto de vista. Se vem a raiva, escreve, se é alegria, escreve, se é tristeza, escreve.

Helvécio Meira

Editor



O autor em Nova Iorque, uma das suas paixões.

ISBN 978-8585923-36-5



9 788585 923365